

# Charles Bukowski

O amor é um  
cão dos diabos

L&PM POCKET

*O melhor poeta da América*  
JEAN-PAUL SARTRE

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



Charles Bukowski

## O amor é um cão dos diabos

*Tradução de PEDRO GONZAGA*

[www.lpm.com.br](http://www.lpm.com.br)

**L&PM** POCKET

*Para*  
*Carl Weissner*

# 1

*mais uma criatura atordoada pelo amor*

## *Sandra*

é a alta e magra  
donzela do quarto  
de brincos  
coberta por um longo  
vestido

está sempre alta  
em sapatos de salto  
espírito  
boletas  
trago

Sandra se inclina  
em sua cadeira  
*inclina-se* em direção a  
Glendale

guardo que sua cabeça  
bata na maçaneta  
do guarda-roupa  
enquanto ela tenta  
acender  
um novo cigarro num  
outro já quase  
consumido

aos 32 ela gosta de  
jovens limpos  
imaculados  
com rostos semelhantes ao fundo  
de pires recém-comprados

depois de se vangloriar  
a não mais poder  
acabou me trazendo seus prêmios  
para que eu desse uma olhada:  
garotos nulos, loiros e silenciosos

que

a) sentam

b) levantam

c) falam

ao seu comando

às vezes ela traz um

às vezes dois

às vezes três

para que eu os

veja

Sandra fica muito bem em

vestidos longos

Sandra pode partir provavelmente

o coração de um homem

espero que ela encontre

um.

*você*

você é uma fera, ela disse  
sua enorme barriga branca  
e seus pés cabeludos.  
você jamais corta as unhas  
e tem mãos gordas  
como as patas de um gato  
seu nariz vermelho e brilhante  
e os maiores bagos que  
eu já vi.  
você lança esperma como  
uma baleia lança água pelo  
buraco das costas.

fera, fera, fera,  
ela me beijou,  
o que você quer para o  
café da manhã?



*a deusa de um metro e oitenta*

sou grande  
suponho que é por isso que minhas mulheres sempre

[parecem

pequenas  
mas essa deusa de um metro e oitenta  
que negocia imóveis  
e arte  
e que voa do Texas  
para me ver  
e eu voo ao Texas  
para vê-la –  
bem, há nela o suficiente para  
ser agarrado  
e eu me agarro todo  
nela,  
puxo-lhe a cabeça para trás pelos cabelos,  
sou macho de verdade,  
chupo-lhe o lábio superior  
sua xoxota  
sua alma  
monto sobre ela e lhe digo,  
“vou lançar suco quente e branco  
dentro de você. não voei desde  
Galveston para jogar  
xadrez”.

depois nos deitamos enlaçados como vinhas humanas  
meu braço esquerdo debaixo de seu travesseiro  
meu braço direito sobre o lado de seu corpo  
aferro-me às suas mãos,  
e meu peito  
barriga  
bolas  
pau  
enroscam-se nela  
e através de nós  
no escuro  
passam raios

pra lá e pra cá  
pra lá e pra cá  
até que eu desfaleça  
e nós durmamos.

ela é selvagem  
mas dócil  
minha deusa de um metro e oitenta  
faz-me rir  
a risada do mutilado  
que ainda precisa de  
amor,  
e seus olhos abençoados  
fluem para o fundo de sua cabeça  
como nascentes na montanha  
ao longe  
nascentes  
frescas e boas.

ela me resguardou  
de tudo o que não está  
aqui.

*já vi mendigos demais com os olhos vidrados bebendo vinho barato debaixo  
da ponte*

você se senta comigo  
no sofá  
nesta noite  
nova mulher.

você já viu os  
documentários  
sobre animais carnívoros?

eles mostram a morte.

e agora me pergunto  
que animal entre  
nós dois  
devorará  
primeiro o outro  
física e  
por fim  
espiritualmente?

nós consumimos animais  
e então um de nós  
consome o outro,  
meu amor.

enquanto isso  
prefiro que você vá  
primeiro e do primeiro jeito

se os gráficos de performance passadas  
significarem alguma coisa  
eu certamente irei  
primeiro e do último  
jeito.

*gostosa e sexy*

“sabe”, ela disse, “você estava no bar  
e por isso não pôde ver  
mas eu dancei com aquele cara.  
nós dançamos juntos  
sem parar.  
mas não fui para casa com ele  
porque ele sabia que eu estava  
com você.”

“valeu mesmo,” eu  
disse.

ela estava sempre pensando em sexo.  
levava isso sempre consigo  
como algo embrulhado num saco de papel.  
quanta energia.  
ela começava por qualquer homem disponível  
nos cafés da manhã  
entre ovos e bacon  
ou mais tarde  
entre um sanduíche no almoço ou  
um bife no jantar.

“moldei meu modo de ser inspirada em Marilyn Monroe,”

me  
disse.

“ela está sempre fugindo  
para alguma discoteca local para dançar  
com algum otário,” um amigo certa vez  
me contou, “estou surpreso que você  
continue com ela depois de tudo o que já aconteceu.”  
ela desaparecia nas corridas  
para depois surgir e dizer  
“três caras se ofereceram para me pagar  
um drinque”.

[ela

ou então eu a perdia no estacionamento  
e a procurava e ela  
estava caminhando com um estranho.  
“bem, ele veio desta direção  
eu vim daquela e nós  
meio que caminhamos juntos. não  
queria ferir os sentimentos dele.”

ela disse que eu era um homem  
muito ciumento.

um dia ela apenas  
submergiu  
em seus órgãos sexuais  
e desapareceu.

era como um despertador  
caindo dentro do Grand Canyon.  
bateu e chocou e  
tocou e tocou  
mas eu não pude mais  
vê-la nem ouvi-la.

me sinto bem melhor  
agora.  
dediquei-me ao sapateado  
e agora visto um chapéu de feltro  
preto levemente inclinado  
sobre o olho  
direito.

## *a música suave*

vence o amor porque nela não há  
feridas: pela manhã  
a mulher liga o rádio, Brahms ou Ives  
ou Stravinsky ou Mozart. ferve os  
ovos contando em voz alta os segundos: 56,  
57, 58... descasca os ovos, os traz  
para mim na cama. depois do café da manhã é  
a mesma cadeira e ouvir a música  
clássica. A mulher está no seu primeiro copo de  
*scotch* e no seu terceiro cigarro. digo-lhe  
que preciso ir ao hipódromo. ela  
está aqui há 2 noites e 2 dias. “quando  
voltarei a vê-la?” pergunto. ela  
sugere que fique a meu critério.  
aceno com a cabeça e Mozart toca.

*entorpeça seu rabo e seu cérebro e seu coração...*

eu estava saindo de um caso que havia terminado mal.  
francamente, eu deslizava em direção ao fundo do poço  
sentindo-me realmente desprezível e acabado  
quando tive sorte com essa dama em sua enorme cama  
coberta por um dossel enfeitado de joias  
mais  
vinho, champanhe, cigarros, boletas e  
tevé a cores.  
ficamos na cama e  
bebemos vinho, champanhe, fumamos, detonamos as

[boletas

às dúzias  
enquanto eu (sentindo-me desprezível e acabado)  
tentava superar o caso que havia terminado mal.  
assistia à tévé tentando embotar meus sentidos,  
mas a coisa que realmente ajudou  
foi esse drama muito longo  
(especialmente escrito para a televisão) sobre  
espões...  
espões americanos e espões russos, e  
todos eram tão espertos e  
bacanas...  
até mesmo seus filhos não sabiam  
suas esposas não sabiam, e  
de certo modo  
*eles* mesmos quase não sabiam...  
e logo vieram os contraespões, os agentes duplos:  
caras que trabalhavam para os dois lados, e  
e então um deles passou de agente duplo  
a agente triplo,  
e tudo se tornou agradavelmente confuso...  
acho que nem o cara que tinha escrito o roteiro  
sabia o que estava acontecendo...  
aquilo seguiu por horas!  
hidroplanos se chocando contra *icebergs*,  
um padre em Madison, Wisc. matou seu irmão,  
um bloco de gelo foi despachado num cofre para o Peru  
no lugar do maior diamante do mundo, e

loiras entravam e saíam de quartos comendo  
nozes e doces recheados com creme;  
o agente triplo passou a  
agente quádruplo e todo mundo amava  
todo mundo  
e eu segui vendo aquilo  
e as horas passaram e  
e tudo finalmente desapareceu como um clipe de papel em  
meio a uma cesta de lixo e eu  
me aproximei do aparelho e o desliguei e  
pela primeira vez em uma semana e meia  
dormi bem.



*uma das mais quentes*

ela usava uma peruca de um loiro platinado  
e tinha a face carregada de *rouge* e pó  
e não economizava no batom  
traçando uma enorme boca pintada  
e seu pescoço era coberto de rugas  
mas ainda tinha o rabo de uma garota  
e as pernas eram boas.

ela usava calcinhas azuis que eu baixei e  
ergui seu vestido, e à luz bruxuleante da TV  
tomei-a de pé.

enquanto nos digladiávamos ao redor do quarto  
(estou fodendo uma cova, pensei,  
trazendo os mortos de volta à vida, maravilhoso  
tão maravilhoso  
como comer azeitonas geladas às 3 da manhã  
com metade da cidade em chamas)  
gozei.

vocês podem ficar com suas virgens, rapazes  
deem-me velhas gostosas no alto de seus saltos  
com rabos que esqueceram de envelhecer.

claro, você tem que dar o fora depois  
ou ficar muito bêbado  
o que é a mesma  
coisa.

bebemos vinho por horas e assistimos tevê  
e quando fomos pra cama  
para dormir  
ela não tirou os dentes da boca  
a noite toda.

## *cinzas*

peguei as cinzas dele, ela disse, e as lancei  
ao mar e as espalhei e  
elas nem sequer pareciam cinzas  
e  
o que dava peso à urna eram os  
seixos verdes e azuis...

ele não lhe deixou nem um centavo de seus  
milhões?

nada, ela disse.

mesmo depois de todos aqueles cafés da manhã  
e almoços e jantares ao lado dele? depois  
de ter escutado toda a merda que ele falava?

ele era um homem brilhante.

você sabe do que estou falando.

seja como for, eu fiquei com as cinzas. e você comeu  
minhas irmãs.

nunca comi suas irmãs.

comeu sim.

comi uma delas.

qual?

a lésbica, respondi, ela me pagou o jantar e as bebidas,  
não tive muita escolha.

estou indo, ela disse.

não se esqueça do frasco.

ela entrou para buscá-lo.

sobra tão pouco de você, ela disse, que quando você morre e eles te queimam precisam acrescentar uma porção de seixos verdes e azuis.  
está bem, eu disse.

vejo você daqui a 6 meses! ela gritou e bateu a porta.

bem, pensei, creio que para me livrar dela terei que comer a outra irmã. caminhei até o quarto e comecei a dar uma olhada nos números de telefone. tudo o que eu

[lembrava

era que ela vivia em San Mateo e tinha um ótimo emprego.

## *foda*

ela tirou o vestido  
por sobre a cabeça  
e eu vi a calcinha  
um tanto enterrada em suas  
carnes.

é simplesmente humano.  
agora teremos que fazê-lo.  
eu terei que fazê-lo  
depois de todo esse logro.  
é como uma festa –  
dois idiotas  
numa cilada.

debaixo dos lençóis  
depois que apaguei  
as luzes  
suas calcinhas ainda estavam  
ali. ela esperava um  
número introdutório.  
eu não podia culpá-la. mas sim  
me perguntar por que ela estava ali  
comigo? onde estão os outros  
caras? como você pode se julgar  
sortudo tendo alguém que  
outros abandonaram?

não precisávamos fazer aquilo  
embora tivéssemos que fazê-lo  
era algo como  
renovar o crédito  
com o homem do imposto de  
renda. tirei a calcinha.  
decidi não usar  
a língua. ainda assim  
pensava no momento  
em que tudo estivesse terminado.

dormiremos juntos  
esta noite  
tentando nos acomodar  
entre os papéis de parede.

tento, falho,  
reparo no cabelo em sua  
cabeça  
mais do que tudo reparo no cabelo  
em sua  
cabeça  
e de relance em  
suas narinas  
de porquinho

tento  
novamente.

*eu*

mulheres não sabem como amar,  
ela me disse.  
você sabe como amar  
mas mulheres só querem  
parasitar.  
sei disso porque sou  
mulher.

hahaha, eu ri.

por isso não se preocupe por ter terminado  
com Susan  
porque ela apenas irá parasitar  
outro homem.

falamos um pouco mais  
então eu me despedi  
desliguei o telefone  
fui ao banheiro  
e mandei uma boa merda de cerveja  
basicamente pensando, bem,  
continuo vivo  
e tenho a capacidade de expelir  
sobras do meu corpo.  
e poemas.  
e enquanto isso acontecer  
serei capaz de lidar com  
traição  
solidão  
unhas encravadas  
gonorreia  
e o boletim econômico do  
caderno de finanças.  
com isso  
me levantei  
me limpei  
dei a descarga

e então pensei:  
é verdade:  
eu sei como  
amar.

ergui minhas calças e caminhei  
para a outra peça.

*outra cama*

outra cama  
outra mulher

mais cortinas  
outro banheiro  
outra cozinha

outros olhos  
outro cabelo  
outros  
pés e dedos.

todos à procura.  
a busca eterna.

you stays in the bed  
she gets dressed for work  
and you ask yourself what happened  
at the end  
and at the other before her...  
it's so comfortable –  
this making love  
this sleeping together  
the soft delicacy...

after she leaves you get up and use  
her bathroom,  
it's so intimidating and strange.  
you return to the bed and  
sleep one more hour.

when you go away it's with sadness  
but you'll see again  
whether it works, whether not.

you drive to the beach and sit  
in your car. it's almost noon.



– outra cama, outras orelhas, outros  
brincos, outras bocas, outros chinelos, outros  
vestidos  
cores, portas, números de telefone.

você foi, certa vez, suficientemente forte para viver sozinho.  
para um homem beirando os sessenta você deveria ser mais sensato.

você dá a partida no carro e engata a primeira,  
pensando, vou telefonar para Janie logo que chegar,  
não a vejo desde sexta-feira.

## *encurralado*

não dispa o meu amor  
você pode encontrar um manequim;  
não dispa um manequim  
você pode encontrar  
o meu amor.

ela há muito tempo  
me esqueceu.

ela experimenta um novo  
chapéu  
e parece mais  
coquete  
do que nunca.

ela é uma  
criança  
e um manequim  
e  
é a morte.

não tenho como odiar  
isso.

ela não faz  
nada fora do  
comum.

queria apenas que ela  
fizesse.

*esta noite*

“seus poemas sobre as garotas ainda estarão por aí  
daqui a 50 anos quando as garotas já tiverem ido”,  
meu editor me telefona.

caro editor:  
parece que as garotas já se  
foram.

entendo o que o senhor diz

mas me dê uma mulher verdadeiramente viva  
nesta noite  
cruzando o piso em minha direção

e o senhor pode ficar com todos os poemas

os bons  
os maus  
ou qualquer outro que eu venha a escrever  
depois deste.

entendo o que o senhor diz.

O senhor entende o que eu digo?

## *a escapada*

escapar de uma viúva negra  
é um milagre tão grande quanto a própria arte.  
que rede ela pode tecer  
enquanto o arrasta vagorosamente em sua direção  
ela irá abraçá-lo  
depois, quando estiver satisfeita,  
ela o matará  
ainda no mesmo abraço  
e lhe sugará todo o sangue.

escapei de minha viúva negra  
porque ela possuía machos demais  
em sua rede  
e enquanto ela abraçava um deles  
e depois o outro e então ainda  
outro  
me libertei  
retornei  
ao lugar onde estava anteriormente.

ela sentirá minha falta –  
não de meu amor  
mas do gosto do meu sangue,  
mas ela é boa, ela encontrará outro  
sangue;  
ela é tão boa que quase sinto falta de minha morte,  
mas não o suficiente;  
escapei. eu vejo as outras  
teias.

## *a furadeira*

nosso livro de casamento,  
diz ali.  
dou uma olhada.  
eles duraram dez anos.  
foram jovens uma vez.  
agora eu durmo na cama dela.  
ele telefona:  
“quero minha furadeira de volta.  
deixe-a separada.  
pegarei as crianças às  
dez.”  
ao chegar ele espera do lado  
de fora.  
as crianças vão com  
ele.  
ela volta para a cama  
e eu estico uma perna  
encosto-a nela.  
eu também tinha sido jovem.  
as relações humanas simplesmente não são  
duráveis.  
pensei nas mulheres que passaram por  
minha vida.  
elas parecem inexistentes.

“ele levou a furadeira?” pergunto.

“sim, levou.”

me pergunto se um dia terei que voltar para  
buscar minha bermuda  
e meu disco com a gravação  
da Academy of St. Martin in the Fields? suponho que  
sim.

*texana*

ela é do Texas e pesa  
47 quilos  
e para em frente ao  
espelho penteando oceanos  
de cabelos ruivos  
que descem ao longo de todas  
suas costas até a bunda.  
o cabelo é mágico e lança  
faíscas quando eu me deito na cama  
e a vejo penteá-los.  
ela parece uma criatura  
saída de um filme mas está  
aqui de fato. fazemos amor  
pelo menos uma vez por dia e  
ela consegue me fazer rir  
sempre que deseja.  
as mulheres do Texas são sempre  
saudáveis, e além disso ela  
limpa meu refrigerador, minha pia,  
o banheiro, e faz comida e  
e me serve alimentos saudáveis  
e lava os pratos  
também.

“Hank”, ela me disse,  
segurando uma lata de suco de  
uva, “este é o melhor de  
todos”.  
dizia na lata: suco natural de uva  
ROSA do Texas.

ela se parece com a Katherine Hepburn  
na época  
do ensino médio, e vejo esses  
47 quilos  
penteando um metro  
de cabelo ruivo  
diante do espelho

e a sinto dentro de meus  
pulsos e no fundo dos meus olhos,  
e os dedos e as pernas e a barriga  
a sentem, assim como  
aquela outra parte,  
e toda Los Angeles se desfaz  
e chora de contentamento,  
as paredes das alcovas tremem –  
o oceano invade tudo e ela se vira  
e me diz, “maldito cabelo!”  
e eu digo,  
“sim”.

## *a aranha*

então houve um tempo em  
New Orleans  
em que eu vivia com uma gorda,  
Marie, no Bairro Francês  
e fiquei bastante doente.  
enquanto ela estava no trabalho  
ajoelhei-me  
naquela tarde  
na cozinha e  
rezei. não sou um  
homem religioso  
mas era uma tarde escura demais  
e eu rezei:  
“caro Deus: se você me poupar,  
prometo-lhe nunca mais tomar  
outro trago”.  
fiquei ali de joelhos e foi como estar  
num filme –  
ao terminar minha oração  
as nuvens se abriram e o sol  
rasgou as cortinas  
e deitou sobre mim.  
então me ergui e fui dar uma cagada.  
havia uma aranha enorme no banheiro da Marie.  
mas caguei do mesmo jeito.  
uma hora depois comecei a me sentir muito  
melhor. dei uma volta pelo bairro  
e sorri para as pessoas.  
parei na mercearia e comprei  
uma dúzia de cervejas para Marie.  
comecei a me sentir tão bem que uma hora depois  
me sentei na cozinha e abri  
uma das cervejas.  
esvaziei-a e depois outra  
e então fui lá e  
matei a aranha.  
quando Marie voltou do trabalho  
eu lhe dei um beijo daqueles,



depois sentei na cozinha e conversamos  
enquanto ela preparava o jantar.  
ela me perguntou o que eu tinha feito naquele dia  
e eu lhe disse que tinha matado uma  
aranha. ela não ficou  
braba. era uma boa  
pessoa.

*o fim de um breve caso*

tentei fazer o negócio de pé  
dessa vez.  
normalmente não costuma  
funcionar.  
dessa vez parecia  
que...

ela seguia dizendo  
“ó, meu Deus, você tem  
pernas lindas!”

tudo estava bem  
até que ela tirou os  
pés do chão  
e enroscou suas pernas  
em volta dos meus quadris.

“ó, meu Deus, você tem  
pernas lindas!”

ela pesava cerca de 63  
quilos e ficou ali presa enquanto eu  
trabalhava.

foi só quando cheguei ao clímax  
que senti a dor  
correr espinha  
acima.

deitei-a no sofá  
e caminhei ao redor  
da sala.  
a dor continuava.

“olha só”, eu lhe disse,  
“é melhor você ir. tenho  
que revelar uns filmes

na minha câmara escura.”

ela se vestiu e se foi  
e eu segui até a  
cozinha para um copo  
d’água. peguei um copo cheio  
com a mão esquerda.  
a dor correu para além de minhas  
orelhas e  
deixei cair o copo  
que se espatifou no chão.

entrei numa banheira cheia de  
água quente e sais Epsom.  
recém tinha acabado de me esticar  
quando o telefone tocou.  
ao tentar endireitar  
minhas costas  
a dor se estendeu por  
pescoço e braços.  
caí pesadamente  
me agarrei às bordas da banheira  
consegui sair  
com raios verdes e amarelos  
e luzes vermelhas  
lampejando em minha cabeça.

o telefone continuava tocando.  
atendi.  
“alô?”

“EU TE AMO!”, ela disse.

“obrigado”, eu disse.

“é tudo o que você tem  
pra me dizer?”

“sim.”

“vá à merda!” ela disse e

desligou.

o amor se esgota, pensei  
ao caminhar de volta ao  
banheiro, mais rápido  
do que um jato de esperma.

## *lamentando e se queixando*

ela escreve: você vai  
se lamentar e se queixar  
em seus poemas  
sobre como eu trepei  
com 2 caras na semana passada.  
eu te conheço.  
ela escreve para me  
dizer que meu sensor  
estava certo –  
ela recém tinha trepado  
com um terceiro cara  
mas ela sabe que não  
quero saber com quem, nem por que  
nem como. ela encerra sua  
carta, “com amor”.

ratos e baratas  
triunfaram novamente.  
aí vem ele correndo  
com uma lesma em sua  
boca, entoando  
velhas canções de amor.  
feche as janelas  
lamente  
feche as portas  
queixe-se.

*um poema quase feito*

eu vejo você bebendo numa fonte com suas  
minúsculas mãos azuis, não, suas mãos não são minúsculas  
elas são pequenas e a fonte é na França  
de onde você me escreveu aquela última carta e  
eu respondi e nunca mais obtive retorno.

você costumava escrever poemas insanos sobre  
ANJOS E DEUS, tudo em caixa alta, e você  
conhecia artistas famosos e muitos deles  
eram seus amantes, e eu escrevia de volta, está tudo bem,  
vá em frente, entre na vida deles, não sou ciumento  
porque nós nem nos conhecemos. estivemos perto uma

New Orleans, metade de uma quadra, mas nunca nos  
nunca um contato. assim você seguiu com os famosos,

sobre os famosos, e, claro, descobriu que os famosos  
estavam preocupados com a fama deles – não com a jovem e  
bela garota em suas camas, que lhes dava *aquilo*, e

de manhã para escrever em caixa alta poemas sobre  
ANJOS E DEUS. nós sabemos que Deus está morto, eles nos

mas ao ouvi-la eu já não tinha certeza. talvez  
fosse a caixa alta. você era uma das melhores poetas e eu disse para os editores, “publiquem-  
na, publiquem-na,

mágica. não há mentira em seu fogo”. eu te amei  
como um homem ama uma mulher que jamais tocou,

quem apenas  
escreveu, de quem manteve algumas fotografias. eu poderia

amado mais se eu tivesse sentado numa pequena sala

cigarro e ouvindo você mijar no banheiro,  
mas isso não aconteceu. suas cartas ficaram mais tristes.  
seus amantes te traíram. criança, escrevi de volta, todos os

[vez em

[encontramos,

[escreveu

[que acordava

[disseram,

[ela é louca mas é

[para

[ter te

[enrolando um

amantes traem. isso não ajudou. você disse  
que tinha um banco em que ia chorar e que ficava numa

[ponte

e a ponte ficava sobre um rio e você sentava no seu banco de

[chorar

todas as noites e descia o pranto pelos amantes que  
te machucaram e te esqueceram. escrevi de volta mas não

[obtive

qualquer retorno. um amigo me escreveu contando do seu

[suicídio

3 ou 4 meses depois de consumado. se eu tivesse te

[conhecido

provavelmente teria sido injusto com você ou você comigo. foi mesmo melhor assim.

*blue cheese e chili*

essas mulheres supostamente deveriam aparecer  
e me ver  
mas elas nunca  
vêm.  
há aquela com uma enorme cicatriz ao longo  
da barriga.  
há a outra que escreve poemas  
e liga às 3 da manhã, dizendo,  
“eu te amo”.  
há a que dança com uma  
jiboia  
e escreve a cada quatro  
semanas, dizendo  
que virá.  
e a 4ª que alega dormir  
sempre  
com meu último livro  
debaixo do  
travesseiro.

bato uma punheta no calor  
e escuto Brahms e como  
*blue cheese com chili.*

essas mulheres são boas de cabeça e de  
corpo, excelentes dentro ou fora da cama,  
perigosas e fatais, é  
claro...  
mas por que todas têm de viver  
lá no norte?

sei que um dia elas irão  
chegar, mas duas ou três  
no mesmo dia, e  
vamos sentar e conversar  
e então todas irão embora  
juntas.



um outro qualquer as terá  
e eu caminharei por aí  
em meu short surrado  
fumando cigarros demais  
e tentando extrair algum  
drama  
de nenhum progresso  
de fato.

## *problemas relacionados à outra mulher*

eu tinha lançado todo meu charme sobre ela  
por algumas noites em um bar –  
não que nosso caso fosse novo,  
eu a amara por 16 meses  
mas ela não queria ir até minha casa  
“porque aquela outra mulher tem andado por lá”,  
e eu disse, “tudo bem, tudo bem, o que vamos fazer?”

ela viera do norte e procurava por um  
lugar para ficar  
enquanto estava hospedada com sua amiga,  
e foi até seu *trailer* alugado  
e voltou com alguns cobertores e disse,  
“vamos até o parque”.  
eu lhe disse que ela estava louca  
que os policiais iam nos pegar  
mas ela respondeu “não, está agradável e enevoado”,  
então fomos para o parque  
espalhamos o equipamento e começamos a  
trabalhar e então surgiram luzes de faróis –  
uma radiopatrulha –  
ela disse, “rápido, ponha suas calças! eu já estou com  
as minhas!”  
eu disse, “não posso. a minha está toda enrolada.”  
e eles vieram com lanternas  
e perguntaram o que estávamos fazendo e ela disse,  
“beijando!” um dos policiais me olhou e  
disse, “não posso culpá-lo”, e depois de alguma conversa  
fiada eles nos deixaram em paz.  
mas ainda assim ela não queria a cama onde aquela mulher  
havia estado,  
então acabamos num quarto escuro de motel  
suando e beijando e trabalhando  
mas fazendo a coisa direitinho; depois, claro,  
de todo aquele sacrifício...  
estávamos finalmente em minha casa  
naquela tarde seguinte  
fazendo a mesma coisa.

aqueles policiais não foram maus, apesar de tudo  
naquela noite no parque –  
e é a primeira vez que eu digo alguma coisa desse tipo  
sobre policiais,  
e,  
espero,  
que seja  
a última.

M.T.<sup>III</sup>

ela morava em Galveston e fazia  
M.T.  
e eu fui visitá-la e fizemos amor  
ininterruptamente ainda que o tempo estivesse muito  
quente  
e tomamos mesalina  
e uma balsa até a ilha  
e dirigimos 200 milhas até o hipódromo mais  
próximo.  
nós dois ganhamos e fomos sentar num bar de caipiras –  
odiado e não frequentado pelos nativos –  
e então fomos para um motel caipira  
e voltamos um ou dois dias depois  
e fiquei por lá mais uma semana  
pintei-lhe um par de quadros decentes –  
um de um homem sendo enforcado  
e outro de uma mulher sendo fodida por um lobo.  
acordei certa noite e ela não estava na cama  
e levantei e caminhei ao redor perguntando,  
“Gloria, Gloria, onde você está?”  
era um lugar enorme e eu caminhava a esmo  
abrindo porta atrás de porta,  
então abri uma que parecia a de um *closet*  
e lá estava ela de joelhos  
cercada por fotografias de  
7 ou 8 homens  
as cabeças raspadas  
em sua maioria usando óculos sem armações.  
havia uma pequena vela acesa  
e eu disse, “oh, me desculpe”.  
Gloria vestia um quimono com águias  
em pleno voo na parte de trás.  
fechei a porta e voltei para a cama.  
ela saiu 15 minutos depois.  
começamos a nos beijar,  
sua língua enorme deslizando para dentro e para fora da  
boca.

[minha

ela era uma garota grande e saudável do Texas.

“escute, Gloria”, consegui finalmente dizer,

“preciso de uma noite de folga”.

no dia seguinte ela me levou até o aeroporto.

eu prometi escrever. Ela prometeu escrever.

nenhum de nós escreveu.

*a 5ª do Bee*

escutei-a pela primeira vez enquanto trepava com uma  
que tinha a maior xoxota em  
Scranton.

[loira

escutei-a novamente enquanto escrevia uma carta  
para minha mãe  
pedindo US\$ 5.000  
e ela me respondeu mandando  
3 tampinhas de garrafa e  
os ossinhos dos dedos indicadores do  
vovô.

a 5ª acabará com você  
na grama ou na pista do jóquei,  
a gatinha disse,  
cruzando o tapete  
de papagaios estampados.

se a 5ª não te matar  
a décima irá,  
disse a prostituta Caliente.  
enquanto eles sobem a  
maravilhosa bandeira vermelha cor de *ketchup*  
93 ladrões choram em meio a  
poeira púrpura.

a 5ª é como uma  
formiga numa mesa de café da manhã cheia de  
bengalas e  
besouros  
sugando o  
suco de laranja do amanhecer que chega.

e eu peguei as 3 tampinhas que minha mãe  
mandou e  
as devorei

embrulhadas em páginas da  
revista  
Cosmopolitan.

mas *estou* cansado da  
5ª

e eu disse isso a uma mulher em  
Ohio, certa vez, eu  
recém havia carregado carvão por 3 lances  
de escada  
eu estava tonto e  
bêbado, e ela disse:

como você pode dizer que não dá bola  
para algo muito maior do que você  
jamais será?

e eu disse:

isso é fácil.

e ela se sentou em uma cadeira verde e  
e eu numa cadeira vermelha  
e depois disso  
nunca mais voltamos a fazer  
amor.

## 40 graus

ela cortou as unhas dos meus pés na noite passada,  
e pela manhã ela disse, “acho que vou  
ficar deitada aqui pelo resto do dia”.  
o que significava que ela não iria trabalhar.  
ela estava em meu apartamento – o que significava outro  
dia e outra noite.

ela era uma pessoa legal  
mas recém havia me dito que queria ter  
um filho, queria casar, e  
fazia 40 graus lá fora.  
quando pensei em *outra* criança e  
*outro* casamento  
comecei realmente a passar mal.  
havia me resignado a morrer sozinho  
em uma pequena peça...  
agora ela tentava remodelar meu plano de mestre.  
além disso ela sempre batia a porta do meu carro com

[muita força

e comia com a cabeça perto demais da mesa.  
nesse dia havíamos ido ao correio, a uma loja de  
departamentos e depois a uma lancheria para almoçar.  
já me sentia casado. na volta eu quase  
entrei em um Cadillac.

“vamos encher a cara”, eu disse.

“não, não”, ela respondeu, “é muito cedo”.

e então ela lacrou a porta do carro.

continuava fazendo 40 graus.

quando abri a caixa do correio descobri que a companhia  
de seguros queria mais 76 pratas.

subitamente ela invadiu o quarto correndo e gritou, “OLHA, ESTOU FICANDO VERMELHA!  
CHEIA DE MANCHAS! O QUE DEVO FAZER?”

“tome um banho”, eu lhe disse.

fiz um interurbano para a seguradora e  
exigi saber a razão daquilo.

ela começou a gritar e a gemer lá da  
banheira e eu não conseguia ouvir nada e disse, “um

[momento,

por favor!”



tapei o telefone com a mão e gritei de volta para ela:  
“OLHA SÓ! ESTOU NUM INTERURBANO! SEGURE A

[ONDA,

PELO AMOR DE DEUS!”

o pessoal da seguradora insistia que eu lhes devia  
\$76 e que me enviariam uma carta explicando por quê.

desliguei e me estiquei na cama.

eu já estava casado, me sentia casado.

ela saiu do banheiro e disse, “posso me deitar  
ao seu lado?”

e eu disse, “ok”

em dez minutos sua cor tinha voltado ao normal.

tudo porque ela havia tomado um comprimido de niacina<sup>[2]</sup>.

ela se lembrou de que isso acontecia sempre.

ficamos ali estirados suando:

nervos. ninguém tem espírito suficiente para superar os

[nervos.

mas eu não podia dizer isso a ela.

ela queria ter seu bebê.

que caralho.

*pacific telephone*

vá atrás dessas piranhas, ela disse,  
vá atrás dessas putas,  
logo ficará de saco cheio de mim.

não quero mais fazer esse tipo de merda,  
eu disse,  
relaxe.

quando bebo, ela disse, sinto dor na minha  
bexiga, uma queimação.

deixe a bebida comigo, eu disse.

você está só esperando o telefone tocar,  
ela disse,  
você não para de olhar pro aparelho.  
se uma dessas piranhas ligar você sairá  
correndo porta afora.

não posso lhe prometer nada, eu disse.

então – simples assim – o telefone tocou.

aqui é a Madge, disse a voz. preciso  
ver você imediatamente.

oh, eu disse.

estou num aperto, ela continuou, preciso de dez  
pratas – rápido.

logo estarei aí, eu disse, e  
desliguei.

ela me olhou, era uma piranha,  
ela disse, o rosto todo em chamas.

que diabos há com você?

escute, eu disse, tenho que ir.  
você fica aqui. já volto.

vou embora, ela disse. eu te amo mas você é  
louco, um caso perdido.

ela apanhou a bolsa e bateu a porta.

provavelmente é algum distúrbio profundamente enraizado

infância

que me faz assim vulnerável, pensei.  
então saí de casa e fui até meu fusca.  
dirigi para o norte pela Western com o rádio ligado.  
havia putas caminhando pra lá e pra cá  
dos dois lados da rua e Madge parecia  
mais perdida do que qualquer uma delas.

[na

## 100 quilos

estávamos na cama e  
ela começou a brigar:  
“seu filho da puta! espere um minuto,  
vou acabar com a sua raça!”

comecei a rir:  
“qual é o problema? qual é o problema?”

“seu filho da puta!” ela gritou.

segurei-lhe as mãos enquanto ela se contorcia.

era um par de décadas mais jovem do que eu  
uma maluca bem-alimentada.  
ela era  *muito* forte.

“seu filho da puta! vou acabar com a sua raça!”  
ela gritou.

rolei por sobre ela com meus 100 quilos e  
fiquei apenas ali.

“uugg, uuuu, meu Deus, isso não é *justo*, uuuu, meu  
Deus!”

rolei para o lado e caminhei até a outra peça e  
sentei no sofá.

“vou pegar você, cretino”, ela disse, “você não perde por  
esperar!”

“só não o arranque com uma mordida”, eu disse, “ou você

triste uma meia dúzia de mulheres.”  
ela subiu sobre a cabeceira da minha cama  
(que possuía uma superfície plana embora estreita)  
e ficou ali empoleirada assistindo às notícias na

[fará

tv.

a tv dava de frente para o quarto e a iluminava ali sentada sobre a cabeceira.

“pensei que você fosse normal”, eu disse, “mas é tão louca quanto as outras todas.”

“fique quieto”, ela disse, “quero assistir ao noticiário!”

“olhe”, eu disse, “vou...”

“SHHHH!”, ela disse.

e lá ficou sobre a cabeceira da minha cama assistindo realmente às notícias. aceitei-a daquela maneira.

## *reviravolta*

ela dirige para a vaga no estacionamento enquanto eu me escoro contra o para-choque de meu carro. ela está bêbada e seus olhos estão molhados de lágrimas: “seu filho da puta, você trepou comigo quando não estava a fim. disse pra eu continuar ligando, disse pra eu me mudar pra perto da cidade, e então me disse pra deixar você em paz.”

tudo muito dramático e eu gostando daquilo. “claro, bem, o que você quer?”

“quero falar com você. quero ir pra sua casa e falar com você...”

“estou com alguém agora. ela foi buscar um sanduíche.”

“quero falar com você... demora um pouco pra superar as coisas. preciso de mais tempo.”

“claro. espere até que ela saia. não somos desumanos. podemos tomar um drinque juntos.”

“merda,” ela disse, “oh, merda!”

pulou dentro do carro e arrancou.

a outra apareceu: “quem era aquela?”

“uma ex-amiga.”

agora *ela* se foi e estou aqui sentado e bêbado e meus olhos parecem molhados de lágrimas. está tudo muito silencioso e sinto como se um arpão estivesse atravessado no meio das minhas tripas. caminho até o banheiro e vomito.

piedade, eu penso, será que a raça humana não sabe nada sobre piedade?

*um poema para a velha dente-podre*

conheço uma mulher  
que segue comprando quebra-cabeças  
quebra-cabeças  
chineses  
blocos  
arames  
peças que finalmente se encaixam  
numa espécie de ordem.  
ela se dedica à questão  
de modo matemático  
resolve todos os seus  
quebra-cabeças  
vive perto do mar  
põe açúcar para as formigas lá fora  
e acredita  
definitivamente  
num mundo melhor.  
seu cabelo é branco  
raramente o penteia  
seus dentes são podres  
e ela veste macacões frouxos  
e amorfos sobre um corpo que a maioria  
das mulheres desejaria ter.  
ao longo de muitos anos ela me irritou  
com o que eu considerava suas  
excentricidades:  
como mergulhar conchas na água  
(para que ao regar as plantas elas  
recebessem cálcio).  
mas finalmente quando penso na sua  
vida  
e a comparo a outras vidas  
mais deslumbrantes, originais  
e belas  
percebo que ela machucou menos  
gente do que qualquer outra pessoa que conheço  
(e com machucar quero dizer simplesmente machucar).  
ela enfrentou alguns momentos terríveis,



momentos em que talvez eu devesse tê-la  
ajudado mais  
porque era a mãe da minha única  
filha  
e uma vez fôramos grandes amantes,  
mas ela havia superado essas dificuldades  
como eu disse  
das pessoas que conheço ela foi a que machucou  
menos gente,  
e se você olhar para isso pelo que isso significa,  
bem,  
ela criou um mundo melhor.  
ela venceu.

Frances, este poema é pra  
você.

## *comunhão*

cavalos correndo  
com ela a milhas de distância  
rindo com um  
louco

Bach e a bomba de hidrogênio  
e ela a milhas de distância  
rindo com um  
louco

o sistema bancário  
guinchos de carro  
gôndolas em Veneza  
e ela a milhas de distância  
rindo com um  
louco

you nunca viu de fato  
uma escada antes  
(cada degrau olhando  
separadamente para você)  
e do lado de fora  
o vendedor de jornais parecendo  
imortal  
enquanto os carros passam  
debaixo do sol  
como um inimigo  
e você se pergunta  
por que é tão difícil  
enlouquecer –  
se é que você já não está  
louco

até agora  
você não tinha visto uma  
escada que se parecesse com  
uma escada

uma maçaneta que se parecesse com  
uma maçaneta  
e sons como esses sons

e quando a aranha aparece  
e olha pra você  
por fim  
você já não a odeia  
por fim  
com ela a milhas de distância  
rindo com um  
louco.

*tentando acertar as contas:*

tínhamos fumado alguns baseados e tomado algumas cervejas e eu estava estirado na cama e ela disse, “olha, eu fiz 3 abortos em sequência, não quero que você enfie essa coisa dentro de mim!”

o negócio começava a crescer e nós dois olhávamos para ele.

“ah, qual é”, eu disse, “minha namorada trepou com 2 caras diferentes esta semana e estou tentando acertar as contas.”

“não me envolva nessa sua merda doméstica! o que quero que você faça agora é que TOQUE uma PUNHETA enquanto eu ASSISTO! quero VER você bater até GOZAR! quero ver o SUCO jorrar!”

“ok aproxime seu rosto.”

ela o aproximou e dei uma cuspidada na palma da mão e comecei a trabalhar.

ele cresceu. um pouco antes de gozar eu parei, segurando-o pela base puxando a pele, a cabeça pulsando púrpura e brilhante.

“oooh”, ela disse. lançou a boca sobre ele, chupou-o e se afastou.

“termine”, ela disse.  
“não!”

voltei a bater e então parei novamente  
no último instante e fiquei a balançá-lo ao redor do  
quarto.

ela o olhou  
caiu outra vez sobre ele  
chupou  
e tirou da boca.

alternamos o processo  
pra lá e pra cá

vez após vez.

finalmente eu a arranquei  
da cadeira  
para a cama  
rolei pra cima dela  
meti pra dentro  
trabalhei  
trabalhei  
e gozei.

quando voltou do  
banheiro ela disse,  
“seu filho da puta, eu amo você,  
amo você há muito tempo.  
quando eu voltar a Santa Barbara  
vou escrever pra você. Vivo  
com esse cara mas eu o  
odeio, não faço a mais vaga ideia do que  
estou fazendo ao lado dele.”

“ok”, eu disse, “mas aproveitando que você já  
está de pé, poderia me trazer um copo  
d’água? estou seco.”  
ela seguiu até a cozinha e  
a ouvi reclamar que  
todos os meus copos estavam  
sujos.

disse a ela para usar uma

xícara. ouvi  
a água correndo e  
pensei, mais uma foda  
e o jogo estará zerado  
e poderei me apaixonar novamente por minha namorada –  
isto é  
se ela não tiver se envolvido numa  
foda extra  
o que provavelmente ela  
fez.

## *Chicago*

“consegui,” ela disse, “apareci.”  
ela estava com botas novas, calças  
e um suéter branco. “agora eu sei  
o que eu quero.” ela era de Chicago e  
havia se mudado para o distrito de Fairfax, L.A.

“você me prometeu champanhe,”  
ela disse.  
“eu estava bêbado quando liguei. que tal uma  
cerveja?”  
“não, me passa seu baseado.”  
ela tragou, soltou:  
“não é lá grande coisa”.  
e me devolveu.

“há uma diferença”, eu disse, “entre  
fazer a coisa e simplesmente ficar duro.”

“gosta das minhas botas?”  
“sim, bem legais.”  
“escuta, tenho que ir. posso usar  
o banheiro?”  
“claro.”

quando ela voltou tinha a boca muito  
pintada de batom. eu não via uma assim  
desde que era garoto.  
beijei-a a caminho da porta  
sentindo o batom grudar em meus  
lábios.

“tchau” ela disse.  
“tchau” eu disse.  
caminhou pela passagem até o carro.  
eu fechei a porta.

ela sabia o que queria e não era

eu.

conheço mais mulheres desse tipo do que de qualquer outro.



*garotas calmas e limpas em vestidos de algodão*

tudo o que eu sempre conheci sempre foram putas,

[ex-prostitutas,

loucas. vejo homens com mulheres calmas e  
gentis – vejo-os nos supermercados,  
caminhando juntos na rua,  
eu os vejo em seus apartamentos: pessoas em  
paz, vivendo juntas. sei que essa paz  
é apenas parcial, mas  
existe paz, muitas horas e dias de paz.

tudo o que eu sempre conheci foram boleteiras, alcoólatras,  
putas, ex-prostitutas, loucas.

quando uma vai  
outra vem  
pior do que sua antecessora.

vejo tantos homens com garotas calmas e limpas em  
vestidos de algodão  
garotas com rostos que não são de predadoras ou de  
feras.

“nunca traga uma puta junto com você,” eu digo para  
poucos amigos, “eu me apaixonarei por ela.”

[meus

“você não consegue suportar uma boa mulher, Bukowski.”  
preciso de uma boa mulher. preciso de uma boa mulher  
mais do que da máquina de escrever, mais do que do  
meu automóvel, mais do que de  
Mozart; preciso tanto de uma boa mulher que posso  
senti-la no ar, posso senti-la  
na ponta dos dedos, posso ver calçadas construídas  
para seus pés caminharem,  
posso ver travesseiros para sua cabeça,  
posso sentir a expectativa da minha risada,  
posso vê-la acariciar um gato,

posso vê-la dormir,  
posso ver seus chinelos no chão.

eu sei que ela existe  
mas em que parte deste planeta ela está  
enquanto as putas continuam me encontrando?

*provaremos as ilhas e o mar*

sei que em alguma noite  
em algum quarto  
logo  
meus dedos abrirão  
caminho  
através  
de cabelos limpos e  
macios

canções como as que nenhuma rádio  
toca

toda a tristeza, escarnecendo  
em correnteza.

# 2

*eu, e aquela velha: aflição*

## *este poeta*

este poeta andou bebendo durante 2 ou 3 dias e ele  
entrou no palco e olhou para a plateia e  
imediatamente soube que iria fazer aquilo. ha via um  
piano de cauda no palco  
e ele foi até lá,  
abriu a tampa e vomitou dentro. então fechou a  
tampa e fez sua leitura.

eles tiveram  
que remover as cordas do piano e limpar o interior  
para então recolocá-las.

posso entender  
por que nunca voltaram a convidá-lo. mas espalhar  
para  
outras universidades que ele era um poeta  
que gostava de vomitar em pianos de cauda não foi  
justo.

eles jamais consideraram a qualidade de sua leitura.  
conheço esse poeta: ele é como todos nós: vomitará  
em qualquer lugar por dinheiro.

*inverno*

um cachorro grande, sujo e ferido  
atingido por um carro e caminhando  
em direção ao meio-fio  
emitindo enormes  
sons  
seu corpo curvado  
vermelho explodindo pelo  
cu e pela boca.

olho para ele e  
sigo em frente  
pois como seria  
para mim segurar  
um cão moribundo junto a  
um meio-fio em Arcadia,  
o sangue escorrendo por minha  
camisa e calças e  
cueca e meias e meus  
sapatos? pareceria apenas  
uma tolice.  
além disso, pus o olho no cavalo  
número 2 no primeiro páreo  
e queria fazer uma dobradinha  
com o número 9  
no segundo. estudei o jornal para  
pagar algo em torno de \$ 140  
assim eu tinha que deixar aquele  
cachorro morrer ali sozinho  
bem defronte ao  
*shopping center*  
com as senhoras à  
procura de pechinchas  
enquanto o primeiro floco de  
neve caía sobre a  
Sierra Madre.

*o que eles querem*

Vallejo escrevendo sobre  
solidão enquanto morria de  
fome;  
a orelha de Van Gogh rejeitada por uma  
puta;  
Rimbaud correndo para a África  
em busca de ouro e encontrando  
um caso incurável de sífilis;  
Beethoven ficou surdo;  
Pound foi arrastado pelas ruas  
numa gaiola;  
Chatterton tomou veneno para rato;  
o cérebro de Hemingway pingando dentro  
do suco de laranja;  
Pascal cortando os pulsos na banheira;  
Artaud trancado com os loucos;  
Dostoiévski de pé contra um muro;  
Crane pulando na hélice de um barco;  
Lorca baleado na estrada pelo exército  
espanhol;  
Berryman pulando de uma ponte;  
Burroughs atirando na mulher;  
Mailer esfaqueando a sua;  
– é isso o que eles querem:  
o danado dum *show*  
uma placa luminosa  
no meio do inferno.  
é isso o que eles querem,  
aquele bando de  
estúpidos  
inarticulados  
tranquilos  
seguros  
admiradores de  
carnavais.

## *Iron Mike*

falamos sobre este filme:  
Cagney servia uvas  
a uma mulher  
mais rápido do que ela conseguia  
comer e  
então ela se  
apaixonava por ele.

“isso nem sempre  
funciona”, digo a Iron  
Mike.

ele dá uma risadinha e diz,  
“claro”.

então ele desceu a mão  
e tocou seu cinto.  
32 escalpos de mulher  
estavam pendurados ali.

“eu e meu enorme cacete  
judeu”, ele disse.

então ergue as mãos  
para indicar o  
tamanho.

“opa, sim, muito bem”,  
eu disse.

“elas aparecem”, ele  
disse, “eu as traço, elas  
começam a ficar, eu lhes digo,  
‘é hora de ir’.”

“você é corajoso,  
Mike.”



“essa aí não ia se mandar  
então eu tive que me levantar e  
esbofeteá-la... ela foi  
embora.”

“eu não tenho sua fibra,  
Mike. elas ficam,  
lavam os pratos, esfregam  
as manchas de merda no  
vaso, jogam fora os  
velhos prospectos do Jockey Club...”

“elas jamais vão me pegar”,  
ele disse.  
“sou invencível.”

olhe, Mike, nenhum homem é  
invencível.  
algum dia  
vão considerá-lo louco pelo  
olhar como num desenho a lápis feito por uma  
criança. você não conseguirá  
beber um copo  
d’água ou cruzar um  
quarto. haverá as  
paredes e o som das  
ruas lá fora, e  
você ouvirá metralhadoras  
e tiros de morteiro. isso se dará  
quando você quiser, mas não  
puder ter.

os dentes  
nunca são por fim  
os dentes do amor.

*guru*

grande barba negra  
me diz  
que eu não sinto  
terror

olho pra ele  
minhas tripas chacoalham  
cascalho

vejo seus olhos  
voltados pra cima

ele é forte

tem unhas sujas

e penduradas nas paredes:  
armas embainhadas.

ele sabe das coisas:

livros  
as vantagens  
o melhor caminho para  
casa

gosto dele  
mas creio que ele  
mente

(não tenho certeza de que  
ele mente)

sua esposa se senta  
num canto  
escuro

quando a conheci  
era a mulher  
mais  
linda  
que eu já tinha  
visto

agora ela se  
tornara  
sua gêmea

talvez não por culpa  
dele:

talvez a coisa  
nos faça a todos  
assim

no entanto, logo que deixei  
a casa deles  
senti terror

a lua parecia  
doente

minhas mãos escorregavam  
no  
volante

manobro meu  
carro  
e desço a  
ladeira

quase bato  
num  
carro azul-esverdeado  
estacionado

enterre-me para sempre,  
Beatriz

poeta hesitante, ha  
haha

cão enjeitado do  
terror.

## *os professores*

sentado com os professores  
falamos sobre Allen Tate  
e John Crow Ransom  
os tapetes estão limpos e  
as mesas da cafeteria brilham  
e então circulam conversas  
sobre verbas e trabalhos em  
progresso  
e há até uma  
lareira.

o piso da cozinha está  
bem encerado  
e eu recém havia  
jantado  
depois de ter bebido até as  
3 da manhã  
após a leitura  
da noite passada

agora lá vou eu outra vez  
numa faculdade próxima.  
estou em pleno Arkansas em  
janeiro  
alguém chega a mencionar  
Faulkner  
vou ao banheiro  
e vomito o  
jantar  
ao sair  
lá estão eles em seus casacos e sobretudos  
esperando na cozinha.  
devo entrar em  
15 minutos.  
haverá um bom público  
eles me dizem.

*para Al...*

não se preocupe com rejeições, parceiro,  
eu já fui rejeitado  
antes.

algumas vezes você comete um erro, pegando  
o poema errado  
o mais comum para mim é cometer o erro de  
escrevê-lo.

mas eu gosto de uma montaria em cada corrida  
mesmo que o homem  
que organiza a largada da manhã

a coloque pagando 30 por um.

tenho que pensar na morte mais e mais

senilidade

muletas

poltronas

escrevendo poesia púrpura com a  
caneta pingando

quando mocinhas com bocas  
de piranha  
corpos como limoeiros  
corpos como nuvens  
corpos como *flashes* de luz  
pararem de bater à minha porta.

não se preocupe com rejeições, parceiro.  
fumei 25 cigarros esta noite  
e você sabe sobre a cerveja.

o telefone tocou apenas uma vez:  
era engano.

## *como ser um grande escritor*

você tem que trepar com um grande número de mulheres  
belas mulheres  
e escrever uns poucos e decentes poemas de amor.

e não se preocupe com a idade  
e/ou com os talentos frescos e recém-chegados.

apenas beba mais cerveja  
mais e mais cerveja

e vá às corridas pelo menos uma vez por  
semana

e vença  
se possível.

aprender a vencer é difícil –  
qualquer frouxo pode ser um bom perdedor.

e não se esqueça do Brahms  
e do Bach e também da sua  
*cerveja*.

não exagere no exercício.

durma até o meio-dia.

evite cartões de crédito  
ou pagar qualquer conta  
no prazo.

lembre-se que nenhum rabo no mundo  
vale mais do que 50 pratas.  
(em 1977).

e se você tem a capacidade de amar



ame primeiro a si mesmo  
mas esteja sempre alerta para a possibilidade de uma  
derrota total  
mesmo que a razão para essa derrota  
pareça certa ou errada –

um gosto precoce da morte não é necessariamente  
uma coisa má.

fique longe de igrejas e bares e museus,  
e como a aranha seja  
paciente –  
o tempo é a cruz de todos,  
mais o  
exílio  
a derrota  
a traição

todo este esgoto.

fique com a cerveja.

a cerveja é o sangue contínuo.

uma amante contínua.

arranje uma grande máquina de escrever  
e assim como os passos que sobem e descem  
do lado de fora de sua janela

bata na máquina  
bata forte

faça disso um combate de pesos pesados

faça como o touro no momento do primeiro ataque  
e lembre dos velhos cães  
que brigavam tão bem:  
Hemingway, Céline, Dostoiévski, Hamsun.

se você pensa que eles não ficaram loucos

em quartos apertados  
assim como este em que agora você está

sem mulheres  
sem comida  
sem esperança

então você não está pronto.

beba mais cerveja.  
há tempo.  
e se não há  
está tudo certo  
também.

## *o preço*

bebendo um champanhe de 15 dólares –  
*Cordon Rouge* – na companhia de putas.

uma se chama Georgia e  
não é chegada em meia-calça:  
estou sempre tendo que ajudá-la  
com suas longas meias negras.

a outra é Pam – mais bonita  
porém meio desalmada, e  
fumamos e conversamos e  
brinco com suas pernas e  
enfio meu pé descalço na  
bolsa aberta de Georgia.  
está cheia de  
frascos com pílulas.  
tomo algumas delas.

“escutem”, eu digo, “uma de  
vocês tem alma, a outra  
aparência. posso combinar  
vocês duas? pegar a alma  
e enfiar na aparência?”

“se você me quer”, diz Pam, “vai  
lhe custar cem pratas.”

bebemos um pouco mais e Georgia  
despenca no chão e não consegue  
se levantar.

digo a Pam que gosto muito  
de suas orelhas. seu  
cabelo é longo e natural e  
ruivo.

“estava de brincadeira quando falei em  
cem”, ela diz.

“oh”, eu digo, “quanto vai me  
custar?”

ela acende um cigarro com  
meu isqueiro e me olha  
através da chama:

seus olhos me dizem.

“olhe”, eu digo, “acho que não  
poderei pagar aquele preço novamente.”

ela cruza as pernas  
dá uma tragada em seu cigarro

sorri enquanto expele a fumaça  
e diz, “claro que pode”.

*sozinho com todo mundo*

a carne cobre os ossos  
e colocam uma mente  
ali dentro e  
algumas vezes uma alma,  
e as mulheres quebram  
vasos contra as paredes  
e os homens bebem  
demais  
e ninguém encontra o  
par ideal  
mas seguem na  
procura  
rastejando para dentro e para fora  
dos leitos.  
a carne cobre  
os ossos e a  
carne busca  
muito mais do que mera  
carne.

de fato, não há qualquer  
chance:  
estamos todos presos  
a um destino  
singular.

ninguém nunca encontra  
o par ideal.

as lixeiras da cidade se completam  
os ferros-velhos se completam  
os hospícios se completam  
as sepulturas se completam

nada mais  
se completa.

*o segundo romance*

eles apareciam e  
perguntavam  
“já terminou seu  
segundo romance?”

“não.”

“o que tá pegando? o que tá pegando  
que você não  
termina?”

“hemorróidas e  
insônia.”

“será que você não  
perdeu?”

“perdi o quê?”

“você sabe.”

agora quando eles aparecem  
eu lhes digo,  
“sim. já terminei.  
sairá em setembro.”

“você *terminou* o livro?”

“sim.”

“bem, escute. tenho que ir.”

nem mesmo o gato  
aqui da vizinhança  
bate mais à minha  
porta.

que beleza.

## *Chopin Bukowski*

este é meu piano.

o telefone toca e as pessoas perguntam,  
o que você está fazendo? que tal  
encher a cara com a gente?

e eu digo,  
estou ao piano.

o quê?

desligo.

as pessoas precisam de mim. eu as  
completo. se não podem me ver  
por um tempo ficam desesperadas, ficam  
doentes.

mas se as vejo muito seguido  
eu fico doente. é difícil alimentar  
sem ser alimentado.

meu piano me diz coisas em  
troca.

às vezes as coisas estão  
confusas e nada boas.  
outras vezes  
consigo ser tão bom e sortudo como  
Chopin.

às vezes me sinto enferrujado  
desafinado. isso  
faz parte.

posso me sentar e vomitar sobre as  
teclas



mas é meu  
vômito.

é melhor do que sentar em uma sala  
com 3 ou 4 pessoas e  
seus pianos.

este é meu piano  
e é melhor que os deles.

e eles gostam e desgostam  
dele.

*dama melancólica*

ela fica ali sentada  
bebendo vinho  
enquanto seu marido  
está no trabalho.  
ela considera  
de suma importância  
que seus poemas sejam  
publicados  
nas pequenas  
revistas.  
possui dois  
ou três de pequenos  
volumes de sua poesia  
mimeografados.  
tem dois ou  
três filhos  
com idades que vão  
de 6 a 15.  
já não é mais  
a linda mulher que  
costumava ser. manda  
fotos em que aparece  
sentada sobre uma pedra  
junto ao oceano  
sozinha e condenada.  
podia ter estado com ela  
uma vez. me pergunto  
se ela acha que eu  
poderia  
salvá-la?

em todos os seus poemas  
seu marido jamais  
é mencionado.  
mas costuma  
falar sobre seu  
jardim  
assim sabemos que está

lá, de alguma maneira,  
e que talvez ela  
trepe com os botões de rosa  
e os tentilhões  
antes de escrever  
seus poemas.

## *barata*

a barata rastejou  
sobre os ladrilhos  
enquanto eu estava mijando e  
ao virar minha cabeça  
ela enfiou o traseiro  
numa fenda.  
peguei o inseticida e disparei o aerossol  
e disparei e disparei  
e finalmente a barata saiu  
e me lançou um olhar muito nojento.  
então desabou dentro  
da banheira e fiquei assistindo à  
sua morte  
com um prazer sutil  
pois eu pagava o aluguel  
e ela não.  
recolhi-a com  
um tipo de papel higiênico  
azul-esverdeado e joguei-a  
na descarga. era tudo o que se  
tinha a fazer, exceto que  
nas redondezas de Hollywood e  
Western temos que seguir  
fazendo isso.  
dizem que algum dia essa  
tribo herdará  
a terra  
mas faremos com que  
esperem mais  
alguns meses.

*quem, diabos, é Tom Jones?*

por duas semanas  
estive dormindo com uma  
garota de 24 anos de  
Nova York – na época  
em que ocorria a greve dos  
lixeiros, e certa noite  
minha antiga mulher de 34 anos  
chegou e disse, “quero ver  
minha rival”. foi o que ela fez  
e então disse, “ó, você  
é a coisinha mais querida!”  
depois disso reparei que houve uma  
gritaria de gatas selvagens –  
urros e unhadas,  
lamentos de animal ferido,  
sangue e mijo...

eu estava bêbado e só de  
calção. tentei  
separar as duas e caí,  
torcendo o joelho. então  
atravessaram a porta e  
avançaram rua  
afora.

chegaram viaturas cheias  
de policiais. um helicóptero da  
polícia sobrevoou o local.

fiquei no banheiro  
e sorri para o espelho.  
não é comum que coisas  
tão esplêndidas assim  
aconteçam aos 55 anos.

muito melhor do que os distúrbios em  
Watts<sup>[3]</sup>.

a de 34 retornou  
para dentro. estava toda  
mijada e sua roupa  
transformada em farrapos e era  
seguida por dois policiais que  
queriam saber a razão daquilo tudo.

erguendo meus calções  
eu tentava explicar.

## *derrota*

ouvindo Bruckner no rádio  
me perguntando por que não estava meio louco  
depois do último rompimento com minha  
última namorada.

me perguntando por que não estou guiando pelas ruas  
bêbado  
por que não estou no banheiro  
na escuridão  
na escuridão atroz  
ponderando  
lacerado por pensamentos incompletos.

suponho  
por fim isto  
como um homem comum:  
conheci muitas mulheres  
e em vez de pensar  
quem está trepando com ela agora?  
eu penso  
nesse instante ela está aborrecendo terrivelmente  
outro desgraçado.

ouvir Bruckner no rádio  
parece algo tão pacífico.

muitas mulheres já passaram por aqui.  
estou sozinho afinal  
sem estar sozinho.

pego um pincel Grumbacher  
e limpo minhas unhas com a ponta afiada.

percebo uma tomada na parede.

veja, eu venci.

## *sinais de trânsito*

os velhos camaradas jogam  
no parque olhando o mar ao longe  
pondo marcadores ao longo da pista  
com gravetos de madeira.

quatro jogam, dois para cada lado  
e 18 ou 20 se sentam ao  
sol e assistem  
percebo isso enquanto sigo  
em direção ao banheiro público  
enquanto meu carro está no conserto.

o parque abriga um velho canhão  
enferrujado e inútil.  
seis ou sete veleiros cortam  
o mar lá embaixo.

termino a tarefa  
saio  
e eles continuam jogando.

uma das mulheres usa uma maquiagem carregada  
brincos falsos e fuma  
um cigarro.  
os homens são muito magros  
muito pálidos  
usam relógios de pulso que lhes machucam  
os pulsos.

a outra mulher é muito gorda  
e dá uns risinhos  
a cada vez que um ponto é marcado

alguns deles têm a minha idade.

eles me enojam

o modo como esperam pela morte



com tanta paixão  
quanto um sinal de trânsito.

essas são as pessoas que acreditam em comerciais  
essas são as pessoas que compram dentaduras a prazo  
essas são as pessoas que comemoram feriados  
essas são as pessoas que têm netos  
essas são as pessoas que votam  
essas são as pessoas que têm funerais

esses são os mortos  
neblina e fumaça  
o fedor no ar  
os leprosos.

esses são afinal quase todos  
que existem.

gaiivotas são melhores  
algas marinhas são melhores  
areia suja é melhor

se pudesse posicionar aquele velho canhão  
contra eles  
e fazê-lo funcionar  
eu o faria.

eles me enjoam.

agora recebo muitas chamadas de telefone.

todas iguais.

“é Charles Bukowski,

o escritor?”

“sim,” eu lhes respondo.

e eles dizem que entendem minha

escrita,

alguns deles são escritores

ou querem ser escritores

e estão em empregos estúpidos e

horríveis

e não conseguem nem encarar a sala

o apartamento

as paredes

essa noite...

querem alguém com quem possam

conversar,

não podem acreditar

que não posso ajudá-los

que não conheço as palavras.

não podem acreditar

que agora mesmo

me dobro em meu quarto

segurando minhas entranhas

e dizendo

“Jesus Jesus Jesus,

de *novo* não!”

eles não podem acreditar

que as pessoas mal-amadas

as ruas

a solidão

as paredes

também são minhas.

e quando desligo o telefone

eles acham que escondi o

jogo.

não escrevo a partir da sabedoria.

quando o telefone toca  
eu também gostaria de ouvir palavras  
que pudessem aliviar um pouco alguma  
dessas coisas.

é por isso que meu nome está na  
lista.

## *fotografias*

elas o fotografam em sua varanda  
e no seu sofá  
e você de pé no quintal  
ou encostado em seu carro

essas fotógrafas  
mulheres com rabos enormes  
que lhe parecem melhores  
que seus olhos ou suas almas

– este jogo com o autor  
na verdade não passa de um  
número barato à Hemingway  
e James Joyce

mas veja –  
lá estão os livros  
você os escreveu  
nunca esteve em Paris  
mas escreveu todos aqueles livros  
atrás de você  
(e outros que não estão ali,  
perdidos ou roubados)

tudo o que você tem que fazer  
é se parecer com o Bukowski  
para as câmeras  
mas

você segue de olho  
naqueles  
rabos enormes e magníficos  
e pensando –  
outra pessoa os está faturando

“olhe aqui nos meus olhos”  
elas dizem e disparam suas câmeras

acionam o *flash* de suas câmeras  
e acariciam suas câmeras

Hemingway costumava boxear ou  
pescar ou ir às touradas  
mas depois que elas se vão  
você bate uma debaixo dos lençóis  
e toma um banho quente

elas nunca mandam as fotos  
como prometem  
e seus rabos magníficos se vão  
para sempre  
e você se comportou como um ótimo literato –  
ainda vivo  
logo em breve morto  
olhando fundo para seus olhos e almas  
e tudo mais.

*social*

o traçado azul da onda  
rasgos de estrada amarela

um volante  
uma mulher insana sentada  
ao seu lado

reclamando enquanto o oceano  
faz espuma

e pessoas em *motor homes*  
amarelas e  
brancas  
impedem sua passagem  
por um tempo  
frenético  
enquanto você escuta  
culpado disso e  
culpado daquilo

você admite  
isso e aquilo  
mas nunca é o  
suficiente

ela quer conquistas  
esplêndidas  
e você está escaldado por  
essas conquistas  
esplêndidas

chegando lá  
ela desce  
caminha em direção à  
casa

você mijá junto ao

para-lamas do seu carro  
bêbado de cerveja

pequenas gotas de você  
pingando na  
poeira  
na poeira  
seca

depois de fechar o zíper você  
se põe em marcha  
para encontrar os amigos  
dela.

*um poema para a armadura peitoral*

tenho um ditado, “os duros sempre retornam”.

mas Vera era mais doce do que a maioria,  
e assim fiquei surpreso quando  
ela chegou naquela noite  
dizendo, “me deixe entrar”.

“não, não, estou trabalhando num soneto.”

“ficarei só um minuto, depois me  
vou.”

“Vera, se eu deixar você entrar sei que só sairá daqui  
em 3 ou 4 dias.”

era noite e eu não acendera  
a luz da varanda e assim não pude vê-la  
se aproximar  
mas  
ela lançou uma direita que  
explodiu bem no centro do meu  
peito.

“*baby*, esse foi um soco lindo.  
agora caia fora.”

então fechei a porta.

ela voltou 5 minutos depois:  
“Hank, não consigo achar meu carro, eu  
juro que não consigo achar. me ajude  
a encontrá-lo!”

vi meu amigo Bobby-the-Riff  
caminhando. “ei, Bobby ajude  
essa aí a achar o carro. nos  
falamos depois.”



foram juntos.

mais tarde Bobby disse que encontraram  
o carro na frente do pátio de alguém,  
motor e luzes  
ligados.

não ouvi mais falar de Vera  
desde então  
a não ser que seja ela  
quem me liga  
às 2 e 3 e 4 da manhã  
e não responde quando eu  
digo “alô”.

mas Bobby diz que  
pode cuidar dela  
então decidi deixá-la  
para Bobby.

ela mora numa rua lateral em algum lugar de  
Glendale  
e eu o ajudo a abrir o  
mapa rodoviário enquanto bebemos nossas  
Schlitz dietéticas.

*o pior e o melhor*

nos hospitais e nas cadeias  
está o pior  
nos hospícios  
está o pior  
nas coberturas  
está o pior  
nos albergues vagabundos  
está o pior  
nas leituras de poesia  
nos concertos de rock  
nos *shows* beneficentes para os inválidos  
está o pior  
nos funerais  
nos casamentos  
está o pior  
nas paradas  
nos riques de patinação  
nas orgias sexuais  
está o pior  
à meia-noite  
às 3 da manhã  
às 5h45 da tarde  
está o pior

pelotões de fuzilamento  
rasgando o céu  
isto é o melhor

pensar na Índia  
olhando para as carrocinhas de pipoca  
assistindo ao touro pegar o matador  
isto é o melhor

lâmpadas encaixotadas  
um velho cão se coçando  
amendoins em um saquinho  
isto é o melhor

jogar inseticida nas baratas  
um par de meias limpas  
coragem natural vencendo o talento natural  
isto é o melhor

de frente para pelotões de fuzilamento  
lançar pedaços de pão às gaivotas  
fatiar tomates  
isto é o melhor  
tapetes com marcas de cigarro  
fendas nas calçadas  
garçonetes que mantêm a sanidade  
isto é o melhor

minhas mãos mortas  
meu coração morto  
silêncio  
adágio de pedras  
o mundo em chamas  
isto é o melhor  
para mim.

## *cupons*

cigarros umedecidos por cerveja  
da noite passada  
você acende um  
se engasga  
abre a porta em busca de ar  
e junto à entrada  
está um pardal morto  
sua cabeça e seu peito  
arrancados.

pendurado à maçaneta  
há um anúncio da All American  
Burger  
que consiste de alguns cupons  
que  
dizem  
que na compra  
de um hambúrguer  
de 12 de fev. a 15 de fev.  
você ganha de graça  
um pacote de batatas  
fritas médio e um  
copo pequeno de coca-cola.

pego o anúncio  
embrulho o pardal com ele  
levo até a lata de lixo  
e despejo lá  
dentro.

veja:  
renunciando a batatas fritas e coca  
para ajudar a manter  
minha cidade  
limpa.

*sorte*

o que está mal a respeito disso  
tudo  
é ver as pessoas  
bebendo café e  
esperando. gostaria de  
embebê-los todos  
na sorte. eles precisam  
disso. precisam bem  
mais do que eu.

sento nos cafés  
e os vejo a  
esperar. não creio  
que haja muito mais  
a fazer. as moscas  
vão pra lá e pra cá  
nos vidros das janelas  
e bebemos nosso  
café e fingimos  
não olhar uns  
para os outros.  
espero junto com eles.  
entre o movimento  
das moscas  
as pessoas vagueiam.

## *cão*

um cão apenas  
caminhando sozinho numa calçada quente em pleno  
verão  
parece ter mais poder  
do que dez mil deuses.

por que isso?

## *guerra de trincheira*

abatido pela gripe  
bebendo cerveja  
o rádio num volume  
suficientemente alto para superar  
os sons produzidos  
pelo estéreo das pessoas que  
recém se mudaram  
para a casa  
ao lado.  
dormindo ou acordados  
eles ajustam seu aparelho  
no volume máximo  
deixando suas  
portas e janelas  
abertas.

cada um deles tem  
18, casados, vestem  
sapatos vermelhos,  
são loiros,  
magros.  
tocam de  
tudo: *jazz*,  
música clássica, rock,  
*country*, moderna  
contanto que esteja  
alta.

este é o problema  
de ser pobre:  
temos que conviver com  
o som dos outros.  
semana passada foi  
minha vez:  
havia duas mulheres  
aqui  
brigando entre si  
e elas

correram pela calçada  
gritando.  
a polícia veio.

agora é a vez  
deles.  
agora caminho  
pra lá e pra cá em  
meus calções sujos,  
dois tampões de borracha  
enfiados bem fundo  
em meus ouvidos.

chego a pensar em  
assassinato.  
esses coelhos  
pequenos e rudes!  
pedacinhos ambulantes  
de ranho!

mas na nossa terra  
e do nosso jeito  
nunca terá havido  
uma chance;  
somente quando  
as coisas não estão  
indo tão mal  
por um instante  
que esquecemos.

algum dia cada um  
deles estará morto  
algum dia cada um  
deles terá um  
caixão separado  
e então haverá  
silêncio.

mas por ora  
é Bob Dylan  
Bob Dylan Bob  
Dylan por aí



afora.

*a noite em que trepei com meu despertador*

certa vez  
passando fome na Filadélfia  
eu ocupava um quartinho  
caía a tarde e a noite chegava  
e me postei junto à janela no 3° andar  
no escuro e olhei para uma  
cozinha que ficava no outro lado do 2° andar  
e avistei uma bela garota loira  
abraçar um jovem e ali beijá-lo  
com o que parecia ser fome  
e fiquei parado a olhá-los até que se  
separassem.  
então dei meia-volta e acendi a luz do quarto.  
vi minha cômoda e suas gavetas  
e meu despertador sobre ela.  
peguei o relógio  
e o levei pra cama comigo  
trepei com ele até que os ponteiros caíssem fora.  
depois saí e vaguei pelas ruas  
até sentir meus pés se encherem de bolhas.  
quando voltei fui até a janela  
e olhei pra baixo e lá pro outro lado  
e a luz na cozinha deles estava  
apagada.

*quando me penso morto*

penso em automóveis estacionados  
nas vagas

quando me penso morto  
penso em panelas de fritura

quando me penso morto  
penso em alguém fazendo amor com você  
quando não estou por perto

quando me penso morto  
respiro com dificuldade

quando me penso morto  
penso em todas as pessoas que esperam pela morte

quando me penso morto  
penso que nunca mais poderei beber água

quando me penso morto  
o ar fica completamente puro

as baratas na minha cozinha  
tremem

e alguém terá que jogar  
fora minhas cuecas limpas e  
sujas

## *noite de Natal, sozinho*

noite de Natal, sozinho,  
num quarto de motel  
junto à costa  
perto do Pacífico –  
ouviu?

eles tentaram fazer desse lugar algo  
espanhol, há  
tapeçarias e lâmpadas, e  
o banheiro é limpo, há  
minibarras de sabonete  
rosa.

não nos encontrarão por  
aqui:  
as piranhas ou as damas ou  
os adoradores  
de ídolos.

lá na cidade  
eles estão bêbados e em pânico  
furando sinais vermelhos  
arrebentando suas cabeças  
em homenagem ao aniversário de  
Cristo. isso é uma beleza.

em breve terei terminado esta garrafa de  
rum porto-riquenho.  
pela manhã vomitarei e tomarei  
banho, voltarei para  
casa, comerei um sanduíche à uma da tarde,  
estarei no meu quarto por volta das  
duas,  
estirado na cama,  
esperando o telefone tocar,  
sem responder,  
meu feriado é uma

evasão, minha razão  
não é.

*certa vez houve uma mulher que enfiou a cabeça dentro do forno*

o terror se torna por fim quase  
suportável  
mas nunca completamente

o terror se arrasta como um gato  
rasteja como um gato  
por minha mente

posso ouvir a risada das massas

elas são fortes  
elas sobreviverão

como a barata

nunca tire seus olhos da barata

você não voltará a vê-la outra vez.

as massas estão em todo lugar  
sabem como fazer as coisas:  
elas têm raivas sadias e mortais  
por coisas sadias e  
mortais.

gostaria de estar dirigindo um Buick 1952 azul  
ou um Buick 1942 azul-marinho  
ou um Buick 1932 azul  
sobre um desfiladeiro do inferno e em direção ao  
mar.

*camas, banheiros, você e eu...*

pensando nas camas  
usadas e reutilizadas  
para trepar  
para morrer.

nesta terra  
alguns de nós trepam mais do que  
nós morremos  
mas a maioria de nós morre  
melhor do que  
trepamos,  
e morremos  
bocado a bocado também –  
em parques  
tomando sorvete, ou  
nos iglus  
da demência,  
ou em esteiras de palha  
ou sobre amores  
desembarcados  
ou  
ou.

:camas, camas, camas  
:banheiros, banheiros, banheiros

o sistema de esgoto humano  
é a maior invenção do  
mundo.

e você me inventou  
e eu inventei você  
e é por isso que nós não  
damos  
mais certo  
nesta cama.  
você era a maior invenção

do mundo  
até que resolveu  
me mandar descarga  
abaixo.

agora é a sua vez  
de esperar que alguém aperte  
o botão.  
alguém fará isso  
com você,  
puta,  
e se eles não fizerem  
você fará –  
misturada ao seu próprio  
adeus  
verde ou amarelo ou branco  
ou azul  
ou lavanda.



*isso então...*

é o mesmo que antes  
ou que da outra vez  
ou da vez anterior a essa.  
eis um pau  
e eis uma boceta  
e eis um problema.

a cada vez  
você pensa  
bem eu aprendi desta vez:  
vou dizer a ela que faça isso  
e eu farei isto,  
já não quero a coisa toda,  
só um pouco de conforto  
e um pouco de sexo  
e apenas um mínimo de  
amor.

agora novamente espero  
e os anos vão escasseando.  
tenho meu rádio  
e as paredes da cozinha  
são amarelas.  
sigo esvaziando as garrafas  
à espera  
dos passos.

espero que a morte reserve  
menos do que isto.

## *imaginação e realidade*

há muitas mulheres solteiras no mundo  
com um ou dois ou três filhos  
e alguém se pergunta aonde foram os maridos  
ou aonde foram  
os amantes  
deixando para trás  
todas essas mãos e esses olhos e esses pés  
e essas vozes.  
ao passar por suas casas  
gosto de abrir armários e  
olhar o que há dentro  
ou então debaixo da pia  
ou no guarda-roupa –  
espero encontrar o marido  
ou o amante e ele me dirá:  
“ei, parceiro, você não percebeu as  
estrias, ela tem estrias  
e peitos caídos e come  
cebolas o tempo todo e peida... mas  
sou um cara habilidoso. posso consertar coisas,  
sei como usar um torno mecânico e  
troco sozinho o óleo do carro. sei jogar  
sinuca, boliche, posso chegar em 5º ou  
6º em qualquer maratona por  
aí. tenho um jogo de tacos de  
golfe, lanço a bola a longas distâncias. sei  
onde fica o clitóris e o que fazer com  
ele. tenho um chapéu de caubói com as abas  
dobradas para cima.  
sou bom com o laço e com os punhos  
conheço os últimos passos de dança.”

e eu direi, “veja só, estou de saída”.  
e *sumirei* antes que ele acabe me desafiando  
para uma queda de braços  
ou me conte uma piada bagaceira  
ou me mostre a tatuagem no seu  
bíceps direito em movimento.

mas de fato  
tudo o que encontro no armário são  
xícaras de café e pratos marrons, grandes e rachados  
e debaixo da pia uma pilha de trapos  
endurecidos, e no guarda-roupa – mais cabides  
do que roupas, e é só quando ela me mostra  
o álbum e as fotos dele –  
tão bom quanto uma calçadeira, ou um carrinho de  
supermercado cujas rodas não estão emperradas –  
que a dúvida íntima se desfaz, e as  
páginas avançam e ali está uma criança com  
um traje de banho vermelho e lá está  
a outra  
perseguido uma gaiivota em Santa Mônica.  
e a vida se torna triste e nada perigosa  
e, dessa maneira, boa o suficiente:  
tê-la para lhe trazer uma xícara de café em  
uma daquelas xícaras sem que *ele*  
apareça.

## *roubada*

sigo pensando que ela estará lá fora  
agora  
esperando por mim  
azul  
o para-choque frontal amassado  
a cruz de Malta pendurada  
no retrovisor.  
o tapete de borracha  
embolado debaixo dos pedais.  
8 km/l  
o bom e velho TRV 491  
a fiel amante de um homem,  
o modo como eu lhe engatava a segunda  
ao dobrar uma esquina  
o modo como ela podia furar um sinal  
quando ninguém estava por perto.  
o modo como conquistávamos enormes  
e pequenos espaços  
chuva  
sol  
neblina  
hostilidade  
o impacto das coisas.

saí das lutas no Olympic na última  
terça-feira à noite  
e minha caranga tinha sumido  
com outro amante  
para outro lugar.

as lutas tinham sido boas.  
chamei um táxi numa estação  
e me sentei numa cafeteria para comer  
uma rosquinha com geleia acompanhada de café e  
esperei,  
e eu sabia que se encontrasse  
o homem que a havia roubado  
eu o mataria.

o táxi chegou. acenei para o  
motorista, paguei pela rosquinha e pelo  
café, saí noite afora,  
entrei no carro, e lhe disse, “Hollywood com  
a Western”, e naquela noite  
em específico aquilo foi tudo.

*o humilde herdou*

se eu sofro assim diante dessa  
máquina de escrever  
pense em como eu me sentiria  
entre os colhedores  
de alface em Salinas?

penso nos homens  
que conheci nas  
fábricas  
sem qualquer chance de  
escapar –  
sufocados enquanto vivem  
sufocados enquanto riem  
de Bob Hope ou Lucille  
Ball enquanto  
2 ou 3 crianças jogam  
bolas de tênis contra  
as paredes.

alguns suicídios jamais são  
registrados.

*os insanos sempre me amaram*

e os subnormais.  
ao longo de todo o ensino  
fundamental  
ensino médio  
faculdade  
os rejeitados se  
uniam a  
mim.  
caras com um só braço  
caras com tiques  
caras com problemas de fala  
caras com uma película branca  
sobre um dos olhos,  
covardes  
misantropos  
assassinos  
tarados  
e ladrões.  
e em todas  
as fábricas e na  
vagabundagem  
sempre atraí  
os rejeitados. eles me encontravam  
logo de cara e se grudavam  
em mim. continuam  
fazendo isso.  
aqui na vizinhança há agora  
um que me  
encontrou.  
ele anda por aí empurrando um  
carrinho de supermercado  
cheio de lixo:  
bengalas partidas, cadarços  
sacos vazios de batata frita,  
caixas de leite, jornais, canetas...  
“ei, parceiro, o que tá fazendo?”  
eu paro e conversamos um  
pouco.

então eu digo adeus  
mas ele continua me  
seguindo

para além dos  
puteiros e dos  
prostíbulos...

“me mantenha *informado*,  
parceiro, me mantenha *informado*,  
quero saber o que está  
acontecendo.”

esse é o meu insano do momento.

nunca o vi falar  
com mais  
ninguém.

o carrinho chacoalha  
um pouco atrás  
de mim  
então alguma coisa  
cai.

ele se detém para  
juntá-la.

enquanto ele se ocupa disso eu  
entro pela porta de um  
hotel verde que fica na  
esquina  
cruzo

o saguão  
saio pela porta  
dos fundos e  
ali há um gato  
cagando

absolutamente deliciado,  
que me arreganha os  
dentes.



## *Big Max*

durante o ensino médio  
Big Max era um problema.  
ficávamos sentados na hora do recreio  
comendo nossos sanduíches com manteiga de amendoim  
e batatas fritas.  
ele tinha pelos no nariz  
e sobrancelhas cerradas, seus lábios  
brilhavam com saliva.  
já usava tênis número  
43. suas camisas ficavam esturricadas em seu  
peito enorme. seus pulsos pareciam  
duas toras. e ele cruzava as sombras atrás do ginásio  
onde sentávamos, meu amigo Eli e eu.  
“caras”, ele ficava ali parado, “caras,  
vocês sentam com seus ombros caídos!  
vocês caminham com os ombros  
caídos! como é que vão conseguir  
alguma coisa?”

não respondíamos.

então Max olhava pra mim.  
“fique de pé!”

eu me levantava e ele ficava caminhando  
às minhas costas e dizia, “erga seus  
ombros assim!”

e ele puxava meus ombros para trás.  
“veja! não faz você se sentir *melhor*?”

“claro, Max.”

logo ele se afastava e eu voltava à minha  
postura normal.

Big Max estava pronto para enfrentar o

mundo. olhar para ele nos deixava  
enojados.

## *aprisionado*

no inverno caminhando em meu  
teto meus olhos do tamanho de luzes de  
poste. tenho quatro patas como um rato mas  
lavo minhas roupas íntimas – barbeado e  
de ressaca e de pau duro e sem advogado.  
tenho cara de esfregão. canto  
canções de amor e carrego aço.

preferiria morrer a chorar. não suporto  
a matilha não posso viver sem ela.  
inclino minha cabeça contra o refrigerador  
branco e quero gritar como  
o último lamento de vida para todo sempre mas  
sou maior do que as montanhas.

*é o modo como você joga o jogo*

chame-a de amor  
coloque-a de pé sob a luz  
imperfeita  
ponha-lhe um vestido  
reze cante implore chore ria  
apague as luzes  
ligue o rádio  
acrescente-lhe enfeites:  
manteiga, ovos crus, jornais de  
ontem;  
um cadarço novo, e então  
páprica, açúcar, sal, pimenta,  
ligue para sua tia velha e bêbada em  
Calexico;  
chame-a de amor,  
espete-a bem, adicione  
repolho e molho de maçã,  
então a es quente primeiro  
no lado esquerdo,  
depois no  
direito,  
ponha-a numa caixa  
livre-se dela  
deixe-a nos degraus de uma porta  
vomitando como você fará  
nas  
hortênsias.

*no continente*

eu sou frouxo. eu  
sonho também.  
me deixa sonhar. sonho em  
ser famoso. sonho em  
caminhar nas ruas de Londres e  
Paris. sonho em  
sentar em cafés  
bebendo vinhos caros e  
pegando um táxi de volta a um bom  
hotel.  
sonho em  
conhecer lindas mulheres no saguão  
e  
dispensá-las porque  
tenho um soneto em mente que  
quero escrever  
antes do nascer do sol. quando o sol nascer  
estarei dormindo e haverá um  
gato estranho enrolado  
no parapeito da janela.

penso que todos nos sentimos assim  
de vez em quando.  
eu gostaria mesmo de visitar  
Andernach, na Alemanha, o lugar onde  
comecei. depois gostaria de  
voar até Moscou para checar  
o sistema de transporte coletivo assim  
teria alguma coisa levemente obscena para  
sussurrar no ouvido do prefeito de  
Los Angeles quando retornasse para este  
lugar fodido.

poderia acontecer.  
estou pronto.

já vi lesmas escalarem

paredes de três metros de altura e  
desaparecerem.

you não deve confundir isto com  
ambição.

eu seria capaz de rir ao receber  
uma mão perfeita nas cartas –

e não esquecerei de você.

vou lhe mandar cartões-postais e  
instantâneos, e o  
soneto acabado.

12:18 a.m.

decapitado no meio da  
noite  
coçando os lados do meu corpo  
estou coberto de mordidas  
livro aos chutes minhas pernas brancas dos lençóis  
enquanto as sirenes soam  
há um disparo de arma de fogo.

vou à cozinha  
em busca de um copo d'água  
destruir o devaneio de uma barata  
destruir a própria barata.  
um vendaval vem do norte  
enquanto o homem no apartamento  
da frente  
enfia seu pau no rabo de sua  
filha de 4  
anos.

escuto os gritos  
acendo um charuto  
enfio-o nos lábios de minha  
cabeça decapitada.  
é um corona  
envelhecido  
um *Medalist Naturáles*, Nº 7.

retorno ao banheiro  
com um inseticida.  
aperto a válvula.  
sai o spray. tenho  
náuseas,  
penso em antigas batalhas  
em amores mortos.

tanta coisa acontece na escuridão  
ainda que amanhã

o sol continue seguindo seu rumo,  
você receberá uma multa se estacionar  
do lado sul de uma rua numa  
quinta-feira  
ou do lado norte na  
sexta.

a eficiência do sol e da  
lei  
protege a sanidade.

alguma coisa me morde.  
disparo  
enlouquecidamente o spray em meus  
lençóis.

volto-me  
vejo o espelho na escuridão –  
o charuto  
a pança flácida  
meu reflexo  
envelhecido.

dou uma risada.

é bom que eles não  
saibam.

pego minha cabeça

coloco-a novamente em meu  
pescoço

entro sob os lençóis e

não consigo dormir.



## *táxi*

a dançarina mexicana balançava suas plumas e  
seu rabo para mim,  
sem que eu lhe tivesse pedido, e  
minha mulher enlouqueceu e saiu correndo do café e  
começou a chover e dava para ouvir os pingos no  
telhado e eu estava sem emprego e me restavam 13 dias  
de aluguel.

às vezes, quando uma mulher corre assim de você  
é de se perguntar se não faz isso por questões  
econômicas, bem, não se pode culpá-las –  
se eu tivesse que ser comido, preferia que fosse  
por alguém com grana.  
estamos todos assustados, mas quando você é feio e  
está completamente fodido você se  
fortalece, e chamei o garçom e disse,  
achou que vou virar esta mesa, estou  
de saco cheio, pirado, preciso de  
ação, chame o seu leão-de-chácara, mijarei na  
clavícula dele.

fui  
posto pra fora bruscamente.  
chovia. dei um jeito de me recompor sob a chuva e  
caminhei pela rua deserta  
algodão-doce  
quinquilharias à venda, todas as lojinhas fechadas  
com cadeados Woolworth de 67 centavos.

chego ao final da rua a tempo  
de vê-la entrar num táxi  
com outro cara

desabo junto a uma lata de lixo, me levanto  
e mijo nela, sentindo-me triste e logo nem  
tanto, sabendo que havia coisas demais que eles podiam

contra você, o mijo escorrendo pela lata

corrugada, os filósofos deveriam ter algo a dizer sobre  
isso. mulheres. a sorte delas contra o seu  
destino. o vencedor leva Barcelona. próximo  
bar.

*como você não está fora da lista?*

os homens ligam e me perguntam isto.

você é realmente Charles Bukowski  
o escritor?

sou escritor de vez em quando, eu digo,  
na maior parte do tempo eu não faço nada.

escute, eles dizem, eu gosto das suas  
coisas – se importa se eu aparecer aí  
com uma dúzia de latinhas?

você pode trazê-las, eu digo  
desde que não entre...

quando as mulheres ligam, eu digo,  
ó, sim, *escrevo*, sou um escritor  
apenas não estou escrevendo nada neste exato momento.

me sinto tola ligando para você,  
elas dizem, e fiquei surpresa  
de achar seu nome na lista telefônica.

tenho meus motivos, eu digo,  
a propósito, por que você não aparece  
pra tomar uma cerveja?

você não se importaria?

e elas chegam  
mulheres lindas  
boas de corpo e mente e olho.

frequentemente não há sexo  
mas estou acostumado  
ainda assim é bom  
bom demais apenas olhar para elas...

e em alguns raros momentos  
tenho uma maré inesperada de sorte  
para variar.

para um homem de 55 que não transou  
até os 23  
e não muitas vezes mais até os 50  
creio que deva continuar listado  
na Pacific Telephone  
até conseguir o mesmo número de mulheres  
que os homens normais conseguiram.

claro, terei que continuar  
escrevendo poemas imortais  
mas a inspiração está lá.

*boletim do tempo*

suponho que esteja chovendo em alguma cidade espanhola  
neste momento  
enquanto me sinto mal  
deste jeito;  
gosto de pensar nisso  
agora.  
vamos a um vilarejo mexicano –  
isso soa bem:  
um vilarejo mexicano  
enquanto me sinto mal  
deste jeito  
as paredes amareladas pelo tempo –  
aquela chuva  
lá fora,  
um porco se movendo em seu chiqueiro à noite  
incomodado pela chuva,  
os olhos diminutos como pontas de cigarro,  
e seu maldito rabo:  
pode vê-lo?  
não consigo imaginar as pessoas.  
talvez elas também estejam se sentindo mal,  
quase tão mal quanto eu.  
pergunto-me o que elas fazem quando se sentem  
assim?  
provavelmente não o mencionam.  
dizem apenas,  
“veja, está chovendo”.  
Assim é melhor mesmo.

*velho limpo*

daqui a  
uma semana farei  
55.

sobre o que  
escreverei  
quando ele não  
levantar mais  
pela manhã?

meus críticos  
vão adorar  
quando a minha diversão  
passar a ser  
tartarugas  
e estrelas-do-mar.

chegarão inclusive a  
dizer  
coisas boas sobre  
mim

como se eu tivesse  
finalmente  
alcançado a  
razão.

*alguma coisa*

estou sem fósforos.  
as molas de meu sofá  
estouraram.  
roubaram minha maleta.  
roubaram minha tela a óleo de  
dois olhos rosados.  
meu carro quebrou.  
lesmas escalam as paredes de meu banheiro.  
meu coração está partido.  
mas as ações tiveram um dia de alta  
no mercado.

*uma janela de vidros espelhados*

cães e anjos não são  
muito diferentes.  
frequentemente vou comer nesse  
lugar  
por volta das 2h20 da tarde  
porque todas as pessoas que almoçam  
ali estão particularmente arruinadas  
felizes pelo simples fato de estarem vivas e  
comendo feijão  
próximas a uma janela de vidros espelhados  
que impede a passagem do calor  
e não deixa que os carros e as  
calçadas cheguem ao interior.

podemos tomar quanto café  
de graça quisermos  
e nos sentamos e em silêncio bebemos  
o café preto e forte.

é bom estar sentado em algum lugar  
neste mundo às 2h20 da tarde  
sem sentir-se carneado até o  
branco dos ossos. mesmo  
estando arruinados, sabemos disso.

ninguém nos incomoda  
não incomodamos ninguém.

anjinhos e cães não são  
muito diferentes  
às 2h20 da tarde.

tenho minha mesa favorita  
e depois de terminar

empilho os pratos, pires,  
o copo, os talheres



com cuidado –  
faço à sorte minha oferenda –  
e lá fora o sol  
segue trabalhando bem  
descrevendo  
seu arco  
enquanto aqui dentro  
reina  
a escuridão.

## *junkies*

“ela aplicou no pescoço”, ela me disse. eu disse que era para me aplicar na bunda e ela tentou e disse, “oh-oh”, e eu disse, “que merda está acontecendo?” ela disse, “nada, este é o modo Nova York de fazer a coisa”, e tentou enfiar a agulha de novo e disse, “oh, merda”. Peguei o negócio e tentei me aplicar no braço, consegui injetar uma parte. “não sei por que as pessoas se metem com isso, não há nada de mais. acho que são todos uns coitados e querem realmente chegar ao fundo do poço. não há saída, é como se eles não conseguissem chegar onde querem ou pretendem e não tivessem outra saída. isso tinha que ser assim. ela aplicou no pescoço.”

“eu sei”, eu disse. “liguei pra ela, ela mal conseguia falar, disse que estava com laringite. tome um pouco deste vinho.”

era vinho branco e 4h20 da manhã e sua filha dormia no quarto. a tevê a cabo estava ligada sem volume e um enorme pôster com um John Wayne ainda jovem nos velava, e não nos beijamos nem sequer fizemos amor e acabei saindo de lá às 6h15 depois que a cerveja e o vinho acabaram e também para que sua filha não acordasse para ir ao colégio e me encontrasse ali sentado na cama de sua mãe com o John Wayne e a noite encerrada e sem quaisquer esperanças para quem quer que fosse...

*99 para um*

o tubarão resplandecente  
quer meus bagos  
enquanto atravesso a seção de carnes  
em busca de salame e queijo

donas de casa púrpuras  
apalpando abacates de 75 centavos  
sabem que meu carrinho é um  
pau monstruoso

sou um homem com um relógio antigo  
parado em uma cabine telefônica numa espelunca  
chupando um bico vermelho como morango  
de cabeça para baixo em meio à multidão na Filadélfia.

de repente tudo ao meu redor são gritos de  
ESTUPRO ESTUPRO ESTUPRO ESTUPRO ESTUPRO  
e eu estou metendo em alguma coisa debaixo de mim  
cabelos de um ruivo opaco, mau hálito, dentes azuis

costumava gostar de Monet  
costumava gostar muito de Monet  
era divertido, eu pensava, o que ele fazia  
com as cores

mulheres são caras demais  
coleiras para cachorro são caras  
vou começar a vender ar em sacos alaranjados  
com os dizeres: florescências da lua

costumava gostar de garrafas cheias de sangue  
jovens garotas em casacos de pelo de camelo  
Príncipe Valente  
o toque mágico do Popeye

o esforço está no esforço  
como um saca-rolhas

um homem de verdade não deixa farelos de cortiça no vinho

este pensamento já ocorreu a milhões de homens  
ao se barbearem  
a remoção da vida talvez fosse preferível à  
remoção dos pelos

cuspa algodão e limpe seu espelho  
retrovisor, corra como se tivesse vontade, ex-atleta,  
as putas vencerão, os tolos vencerão,  
mas dispare como um cavalo ao sinal da largada.

*o estouro*

demais  
tão pouco

tão gordo  
tão magro  
ou ninguém.

risos ou  
lágrimas

odiosos  
amantes

estranhos com faces como  
cabeças de  
tachinhas

exércitos correndo através  
de ruas de sangue  
brandindo garrafas de vinho  
baionetando e fodendo  
virgens.

ou um velho num quarto barato  
com uma fotografia de M. Monroe.

há tamanha solidão no mundo  
que você pode vê-la no movimento lento dos  
braços de um relógio.

pessoas tão cansadas  
mutiladas  
tanto pelo amor como pelo desamor.

as pessoas simplesmente não são boas umas com as outras  
cara a cara.

os ricos não são bons para os ricos  
os pobres não são bons para os pobres.

estamos com medo.

nosso sistema educacional nos diz que  
podemos ser todos  
grandes vencedores.

eles não nos contaram  
a respeito das misérias  
ou dos suicídios.

ou do terror de uma pessoa  
sofrendo sozinha  
num lugar qualquer

intocada  
incomunicável

regando uma planta.

as pessoas não são boas umas com as outras.  
as pessoas não são boas umas com as outras.  
as pessoas não são boas umas com as outras.

suponho que nunca serão.  
não peço para que sejam.

mas às vezes eu penso sobre  
isso.

as contas dos rosários balançarão  
as nuvens nublarão  
e o assassino degolará a criança  
como se desse uma mordida numa casquinha de sorvete.

demais  
tão pouco

tão gordo

tão magro  
ou ninguém

mais odiosos que amantes.

as pessoas não são boas umas com as outras.  
talvez se elas fossem  
nossas mortes não seriam tão tristes.

enquanto isso eu olho para as jovens garotas  
talos  
flores do acaso.

tem que haver um caminho.

com certeza deve haver um caminho sobre o qual ainda  
não pensamos.

quem colocou este cérebro dentro de mim?

ele chora  
ele demanda  
ele diz que há uma chance.

ele não dirá  
“não”.

*um cavalo de olhos azul-esverdeados*

o que você vê é aquilo que vê:  
os hospícios raramente  
estão visíveis.

que continuemos caminhando por aí  
e nos coçando e acendendo  
cigarros

é mais miraculoso

do que os banhos das beldades  
do que as rosas e as mariposas.

sentar-se em um pequeno quarto  
e beber uma latinha de cerveja  
e fechar um cigarro  
ouvindo Brahms  
em um radinho vermelho

é como ter voltado  
de uma dúzia de batalhas  
com vida

ouvir o som  
da geladeira

enquanto as beldades banhadas apodrecem

e as laranjas e maçãs  
rolam para longe.



# 3

*Scarlet*

## *Scarlet*

fico feliz quando elas chegam  
e feliz quando se vão

feliz quando escuto os saltos  
se aproximando de minha porta  
feliz quando esses saltos  
se afastam

feliz por poder  
feliz por me importar  
feliz quando tudo termina

e  
desde que as coisas ou estão  
começando ou terminando  
fico feliz  
a maior parte do tempo

e os gatos caminham pra cima e pra baixo  
e a terra gira em torno do sol  
e o telefone toca:

“é a Scarlet”.

“quem?”

“Scarlet.”

“certo, pinta aí.”

e desligo pensando  
talvez seja isso

entro  
dou uma cagada rápida  
me barbeio  
me banho

me visto

ponho o lixo  
e as caixas cheias de garrafas vazias  
pra fora

me sento ao som dos  
saltos se aproximando  
parecendo mais a aproximação de um exército  
do que o som da vitória

é Scarlet  
e na minha cozinha a torneira  
continua pingando  
precisando de conserto.

cuidarei disso mais  
tarde.

*ruiva de cima a baixo*

cabelos ruivos  
legítimos  
ela os põe em movimento  
e pergunta  
“meu rabo continua gostoso?”

que comédia.

há sempre uma mulher  
pra salvar você de outra

e assim que ela o salva  
está pronta para  
destruí-lo.

“às vezes eu odeio você”,  
ela disse.

afastou-se e foi se sentar  
na minha varanda para ler meu exemplar  
do Catulo, e ficou  
por lá cerca de uma hora.

as pessoas passavam de lá para cá  
em frente à minha casa  
se perguntando como um  
cara tão velho e feio podia arranjar  
uma beldade daquelas.

nem eu sabia.

assim que ela entrou eu a puxei  
para o meu colo.  
ergui meu copo e lhe  
disse, “beba isso”.

“oh”, ela disse, “você misturou

vinho com Jim Beam, logo vai ficar safado”.

“você passa hena nos cabelos, não?”

“você não *enxerga* nada”, ela disse e se levantou e baixou suas calças e a calcinha e os pelos lá embaixo tinham a mesma cor dos cabelos lá em cima.

o próprio Catulo não poderia ter desejado graça mais histórica ou magnífica; depois ele se enamorou de

rapazolas  
insuficientemente loucos  
para se tornar  
mulheres.

*como uma flor na chuva*

cortei a unha do dedo médio  
da mão  
direita  
realmente curta  
e comecei a correr o dedo ao longo de sua boceta  
enquanto ela se sentava muito ereta na cama  
espalhando uma loção por seus braços  
face  
e seios  
depois do banho.  
então acendeu um cigarro:  
“não deixe que isso o desanime”,  
e seguiu fumando e esfregando a  
loção.  
continuei tocando sua boceta.  
“quer uma maçã?”, perguntei.  
“claro”, ela disse, “tem uma aí?”  
mas eu lhe dei outra coisa...  
ela começou a se contorcer  
e depois rolou para um lado,  
ela estava ficando molhada e aberta  
como uma flor na chuva.  
então ela se voltou sobre a barriga  
e seu cu maravilhoso  
olhou para mim  
e eu passei minha mão por baixo e  
cheguei outra vez na boceta.  
ela se espichou e agarrou meu  
pau, virando-se e se contorcendo toda,  
penetrei-a  
meu rosto mergulhando na massa  
de cabelos ruivos que se alastrava feito enchente  
de sua cabeça  
e meu pau intumescido adentrou  
o milagre.  
mais tarde tiramos sarro da loção  
e do cigarro e da maçã.  
depois eu saí para comprar um pouco de frango

e camarão e batatas fritas e pão doce  
e purê de batatas e molho e  
salada de repolho, e nós comemos. ela me disse  
quão bem ela se sentia e eu lhe disse  
o quão bem eu me sentia e nós comemos  
o frango e o camarão e as batatas fritas e o pão doce  
e o purê de batatas e o molho e  
também a salada de repolho.

## *castanho-claro*

um olhar castanho-claro

esse estúpido, vazio e maravilhoso  
olhar castanho-claro.

darei um jeito  
nele.

você não precisa mais  
me enganar  
com seus truques  
de Cleópatra  
de cinema

já se deu conta  
de que se eu fosse uma calculadora  
eu poderia entrar em pane  
registrando  
as infinitas vezes que você usou  
esse olhar castanho-claro?

não que não seja o que há de melhor  
esse seu olhar castanho-claro.

algum dia um filho da puta louco  
irá matá-la

e então você gritará meu nome  
e finalmente entenderá  
o que já devia ter entendido

há muito  
tempo.



## *brincos enormes*

saio para buscá-la.  
ela está em alguma missão.  
ela está sempre cheia de missões  
muitas coisas pra fazer.  
nunca tenho nada pra fazer.

ela sai de seu apartamento  
vejo-a se aproximar do meu carro

ela vem descalça  
vestida de modo casual  
exceto por enormes brincos.

acendo um cigarro  
e quando ergo os olhos  
ela está estirada no meio da rua

uma rua bastante movimentada

todos os seus 50 quilos  
tão magníficos quanto qualquer coisa que você possa  
imaginar.

ligo o rádio  
e espero ela se levantar.

ela o faz.

abro a porta do carro.  
ela entra. afasto-me do cordão da  
calçada. ela gosta da canção que toca na rádio  
e aumenta o volume.

ela parece gostar de todas as canções  
ela parece conhecer todas as canções  
cada vez que a vejo ela parece ainda  
melhor

200 anos atrás eles a teriam queimado  
em um poste

agora ela passa seu  
rímel enquanto nosso  
carro segue adiante.

*ela saiu do banheiro com sua cabeleira ruiva flamejante e disse...*

os policiais querem que eu vá até lá e identifique  
um cara que tentou me estuprar.

perdi outra vez a chave do meu carro; tenho  
a que abre a porta, mas não a que dá partida na  
ignição.

essas pessoas estão tentando tirar minha filha de mim,  
mas eu não vou deixar.

Rochelle quase tomou uma *overdose*, então foi até o  
Harry com um bagulho, e ele a pegou de jeito.

ela teve as costelas fissuradas, você sabe,  
e uma delas lhe perfurou o pulmão. ela  
está no hospital conectada a uma máquina.

onde está meu pente?  
o seu está sempre imundo.

eu lhe disse,  
eu não vi o seu  
pente.

*uma assassina*

a consistência é impressionante:  
boca fedorenta  
podre por dentro e  
um corpo quase perfeito,  
uma longa e luminosa cabeleira loira –  
que confunde a mim  
e aos outros

ela segue de homem em homem  
oferecendo carícias

ela fala de amor

então submete os homens  
à sua vontade

boca fedorenta  
podre por dentro

vemos isso tarde demais:  
depois que o pau é engolido  
o coração vai atrás

sua longa e luminosa cabeleira  
seu corpo quase perfeito  
caminha pela rua  
debaixo do mesmo sol  
que banha as flores.

*uma aposta perdida*

ela não é pra você, cara,  
não faz o seu tipo,  
ela foi maltratada  
foi usada  
adquiriu todos os maus  
hábitos,  
ele me disse  
entre um páreo e outro.

vou apostar no cavalo 4,  
eu lhe disse.  
bem, é que eu gostaria apenas  
de tentar tirá-la  
da correnteza,  
salvá-la, pode-se dizer.

você não conseguirá, ele disse,  
você tem 55, precisa de gentileza.  
vou apostar no cavalo 6.  
você não é o cara para  
salvá-la.

e você pode? perguntei.  
não acho que o 6 tenha  
chance, prefiro o 4.

ela precisa de alguém que lhe desça a mão,  
que a jogue na parede, ele disse,  
que lhe chute o rabo, ela vai adorar.  
ficará em casa e  
lavará a louça.  
o cavalo 6 vai estar na  
disputa.

não sou bom nesse negócio de bater em mulher,  
eu disse.

então tire ela da cabeça, ele disse.

não é fácil, respondi.

ele se levantou e foi no 6  
e eu me levantei e fui no 4.  
o cavalo 5 ganhou  
por 3 corpos  
pagando 15 para um.

os cabelos dela são ruivos  
como relâmpagos vindos do paraíso,  
eu disse.

tire ela da cabeça, ele disse.

rasgamos nossos bilhetes  
e olhamos para o lago  
no centro da pista.

aquela ia ser  
uma longa tarde  
para nós dois.

## *a promessa*

ela se inclinou sobre o lado da cama  
e abriu um *portfolio*  
junto à parede.  
estávamos bebendo.  
ela disse, “você me prometeu esses  
quadros uma vez, não  
lembra?”  
“o quê? não, não, não lembro.”  
“bem, você prometeu”, ela disse, “e você  
sabe que promessa é dívida.”  
“tire a mão desses quadros”,  
eu disse.  
então fui até a cozinha buscar  
uma cerveja. fiz uma parada para vomitar  
e quando voltei  
pude vê-la sair pela janela  
atravessando o pátio  
em direção à sua casa que ficava nos fundos.  
ela tentava correr  
e ao mesmo tempo equilibrar 40 pinturas  
sobre a cabeça:  
óleos  
telas em preto e branco  
acrílicos  
aquarelas.  
ela pisou em falso e quase  
caiu sentada.  
então subiu depressa os degraus da varanda  
e sumiu porta adentro em direção ao  
seu apartamento que ficava escada acima  
avançando com todos aqueles quadros  
sobre a cabeça.  
foi uma das coisas mais  
engraçadas que jamais vi.  
bem, suponho que o negócio agora seja  
pintar mais 40.

*acenos e mais acenos de adeus*

paguei suas despesas ao longo de todo o trajeto entre

[Houston

e São Francisco  
depois voei pare encontrá-la na casa do irmão dela  
e acabei bêbado  
e falei a noite inteira sobre uma ruiva, e  
ela disse por fim, “você dorme ali em cima”,  
e eu subi a escada  
do beliche e ela dormiu  
na cama de baixo.

no dia seguinte eles me levaram até o aeroporto  
e eu voei de volta, pensando, bem,  
ainda restou a ruiva e assim que cheguei  
liguei para ela e disse, “voltei, baby,  
peguei um avião para ver essa mulher e falei  
sobre você a noite inteira, então aqui estou eu de volta...”

“bem, por que você não volta lá e termina  
o serviço?” ela disse e desligou.

então enchi a cara e o telefone tocou  
e elas se apresentaram como  
duas garotas alemãs que queriam  
me ver.

então elas apareceram e uma delas tinha 20 e a  
outra 22. contei-lhes que meu coração  
havia sido esmigalhado pela última vez e  
que eu estava desistindo desse negócio de mulher. elas riram  
de mim e nós bebemos e fumamos e fomos  
juntos para a cama.

eu tinha essa cena diante de mim e  
primeiro agarrei uma e depois agarrei a  
outra.



finalmente fiquei com a de 22 e  
a devorei.

elas ficaram 2 dias e 2 noites  
mas nunca fui com a de 20,  
ela estava menstruada.

finalmente as levei para Sherman Oaks  
e elas ficaram junto ao pé de uma longa  
passagem  
acenos e mais acenos de adeus enquanto eu dava a ré  
no meu fusca.

quando voltei havia uma carta de uma  
mulher de Eureka. dizia que queria que eu  
a fodesse até que ela não pudesse  
mais caminhar.

me deitei e puxei uma  
pensando na garotinha que eu tinha visto  
uma semana atrás em sua bicicleta vermelha.

depois tomei um banho e vesti meu robe  
verde e felpudo bem a tempo de pegar as lutas  
na tevê diretamente do Olympic.

havia um negro e um chicano.  
isso sempre dava uma boa luta.

e era também uma boa ideia:  
ponha os dois no ringue e deixe que  
se matem.

assisti a todo o combate  
sem deixar de pensar na ruiva uma vez sequer.

acho que o chicano venceu  
mas não tenho certeza.

## *liberdade*

ela estava sentada na janela  
do quarto 1010 no Chelsea  
em Nova York,  
o antigo quarto de Janis Joplin.  
fazia 40 graus  
e ela estava alterada  
e tinha uma perna para fora  
do peitoril,  
e se inclinava para fora e dizia,  
“Deus isso é ótimo!”  
e então ela escorregou  
e quase caiu lá embaixo,  
agarrando-se no momento final.  
foi por pouco.  
voltou para dentro e se esticou  
na cama.

já perdi um bocado de mulheres  
de um bocado de modos diferentes  
mas teria sido  
a primeira vez  
desse modo.

então ela rolou da cama  
caindo de costas  
e quando me aproximei  
ela estava dormindo.

ela passara o dia todo querendo  
ver a Estátua da Liberdade.  
agora por um tempo ela não me incomodaria  
com isso.

## *não toque nas garotas*

ela está lá em cima vendo meu médico  
tentando conseguir umas pílulas para emagrecer;  
ela não é gorda, precisa do barato.  
sigo até o bar mais próximo e espero.  
às 3h20 da tarde de uma terça-feira.  
eles têm uma dançarina.

há apenas um outro cara no bar.

ela faz seus passos  
olhando-se no espelho.  
parece uma macaca  
escura  
coreana.

ela não é muito boa,  
esquelética e previsível  
e ela estica sua língua para mim e  
depois para o outro cara.

os tempos devem ser bem difíceis, penso.

tomo mais algumas cervejas e me levanto para sair.  
ela me acena.  
“já vai?”, pergunta.  
“sim”, eu digo, “minha esposa tem câncer.”

dou-lhe um aperto de mão.

ela aponta para um cartaz atrás de si:  
NÃO TOQUE NAS GAROTAS.

ela aponta para o cartaz e diz,  
“o cartaz diz ‘NÃO TOQUE NAS GAROTAS’.”

sigo até o estacionamento e espero.  
ela aparece.

“conseguiu as pílulas?” pergunto.

“sim”, ela diz.

“então ganhou o dia.”

penso na dançarina cruzando minha  
cozinha. não consigo visualizar. morrerei  
sozinho  
do mesmo modo que vivo.

“leve-me para casa”, ela diz,

“tenho que me preparar para o curso noturno”.

“claro”, eu digo e a levo embora.

## *óculos escuros*

nunca uso óculos escuros  
mas esta ruiva foi buscar  
uma receita preenchida no Hollywood Blvd.  
e ela seguia discutindo comigo,  
rilhando os dentes e rosnando.  
deixei-a junto ao balcão da prescrição  
e fui dar uma volta e comprei um enorme tubo de  
Crest e uma garrafa gigante de Joy.  
então me aproximei de um mostruário de óculos escuros  
e comprei o mais terrível par  
que pude encontrar.  
pagamos por nossas coisas  
fomos até um restaurante mexicano  
e ela pediu um taco do qual não daria conta  
e ficou ali sentada  
rilhando os dentes e rosnando e rosnando pra mim  
e após comer pedi 3 cervejas  
sequei-as  
depois pus meus óculos.  
“ó meu Deus”, ela disse, “puta que pariu!”  
e eu a acertei dos dois lados  
a mais excelente das respostas  
rosnando fedorentas balas de marmelada  
rajadas de merda  
peidos vindos do inferno,  
então me levantei  
paguei  
ela saindo atrás de mim  
nós dois de óculos escuros  
e as calçadas se dividindo.  
encontramos o carro dela  
entramos e partimos  
eu ali sentado  
empurrando os óculos novamente contra meu nariz  
arrancando-lhe a espinha  
agitando-a do lado de fora da janela  
como um mastro partido da Confederação...  
os óculos escuros e malévolos ajudando.

“puta que pariu!” ela disse,  
e o sol brilhava no céu  
e eu não percebia.

saíram a bagatela de US\$ 4.25  
mesmo levando-se em consideração que esqueci a Crest  
e a Joy no  
mexicano do taco.

*orador debaixo de mau tempo*

por Deus, não sei o que  
fazer.

elas são tão legais de se ter por perto.  
elas têm um jeito de tocar  
as bolas  
e olhar para o pau muito  
seriamente  
virando-o  
puxando-o  
examinando cada parte  
enquanto seus longos cabelos caem  
sobre a sua barriga.

não é apenas o foder e o chupar  
que alcançam o interior do homem  
e o amaciam, são os extras,  
está tudo nos extras.

agora é noite e está chovendo  
e não há ninguém  
estão todas em outros lugares  
examinando coisas  
em novos quartos  
com novos humores  
mesmo que em velhos  
quartos.

seja o que for, é noite e está chovendo,  
uma chuva torrencial, maldita e  
pesada...

muito pouco a fazer.  
já li o jornal  
paguei a conta do gás  
a conta de luz  
a conta do telefone.

continua chovendo.

elas amaciam um homem  
e então o deixam a nadar  
em seu próprio suco.

preciso de uma vagabunda no velho estilo  
batendo à porta esta noite  
fechando seu guarda-chuva verde,  
gotas de chuva enluarada sobre  
sua bolsa, dizendo, “merda, cara,  
não consegue achar uma música melhor do que  
*essa* no seu rádio?  
e aumente o aquecimento...”

é sempre quando um homem está tomado  
de amor e tudo  
mais  
que continua chovendo  
alagadoura  
encharcante  
chuva  
boa para as árvores e para a  
grama e para o ar...  
boa para coisas que  
vivem sozinhas.

eu daria qualquer coisa  
pela mão de uma fêmea em mim  
esta noite.  
elas amaciam um homem e  
depois o deixam  
escutando a chuva.



## *melancolia*

a história da melancolia  
inclui a todos nós.

eu, eu escrevo em folhas sujas  
enquanto encaro fixamente as paredes azuis  
e o nada.

estou tão acostumado à melancolia  
que  
a cumprimento como a uma velha  
amiga.

farei agora 15 minutos de sofrimento  
pela ruiva perdida,  
digo aos deuses.

faço isso e me sinto um tanto mal  
bastante triste,  
então me levanto  
REVIGORADO  
mesmo sabendo que nada está  
resolvido.

isto é o que eu ganho por chutar  
a religião no rabo.

deveria ter chutado o rabo  
da ruiva  
onde estão seu cérebro e seu pão com  
manteiga  
na...

mas não, eu estava me sentindo triste  
com tudo:  
a ruiva perdida foi apenas outro  
golpe numa longa vida  
de perdas...

escuto uns tambores no rádio agora  
e dou uma risada.

há alguma coisa errada comigo  
além da  
melancolia.

## *um caso de estetoscópio*

meu médico recém entrou em sua sala  
vindo da cirurgia.

ele me encontra no banheiro masculino.

“puta que pariu”, ele me diz,

“onde você a encontrou? oh, como é bom  
*olhar* para garotas como esta!”

eu lhe digo: “é minha especialidade: corações de  
cimento e corpos esculturais. se conseguir ouvir um  
batimento, me avise.”

“vou cuidar dela direitinho”, ele diz.

“sim, e por favor lembre-se de todos os códigos  
de ética de sua honorável profissão”, eu lhe disse.

fechou primeiro a braguilha e depois lavou as mãos.

“como está a sua saúde?” ele pergunta.

“fisicamente funciono como um relógio. mentalmente estou perdido, condenado, carregando  
minha pequena

[cruz, toda

essa merda.”

“cuidarei bem dela.”

“sim. e me avise a respeito dos batimentos cardíacos.”

ele saiu.

terminei, fechei a braguilha e também saí.

mas não lavei minhas mãos.

estou muito à frente dessas preocupações.

*morda-se de raiva*

vim até aqui, ela diz, para lhe falar  
que está tudo acabado. não estou de brincadeira,  
acabou. ficamos assim.

sento no sofá olhando ela ajeitar  
seus cabelos longos e ruivos em frente ao espelho  
do meu quarto.  
ela ergue os cabelos e  
faz um coque no topo da cabeça –  
ela deixa que seus olhos encontrem  
os meus –  
então ela solta os cabelos e  
deixa que eles lhe cubram o rosto.

vamos para a cama e eu a seguro  
de costas sem dizer uma palavra  
meu braço em volta de seu pescoço  
toco seus pulsos e mãos  
sinto-a até chegar  
aos cotovelos  
mas não além.

ela se levanta.

está tudo acabado, ela diz,  
morda-se de raiva. você  
tem alguma borrachinha?

não sei.

achei uma, ela diz,  
vai servir. bem,  
vou indo.

me levanto e a levo  
até a porta  
logo ao sair

ela diz,  
quero que você me compre  
um sapato de salto alto  
salto agulha  
sapatos pretos de salto.  
não, quero um par  
vermelho.

vejo ela seguir pela passagem de cimento  
debaixo das árvores  
ela caminha direitinho e  
enquanto as poinsetias gotejam ao sol  
eu fecho a porta.

## *a retirada*

desta vez o negócio acabou comigo.

me sinto como as tropas alemãs  
açoiadas pela neve e pelos comunistas  
caminhando curvadas  
as botas gastas  
fornadas com papel jornal.

minha condição é tão terrível quanto.  
talvez até pior.

a vitória estava tão perto  
a vitória estava logo ali.

enquanto ela estava ali diante de meu espelho  
mais jovem e bela do que  
qualquer outra mulher que eu já conhecera  
penteando metros e mais metros de cabelo ruivo  
enquanto eu a observava.

e quando ela veio para a cama  
estava mais bela do que nunca  
e o amor foi muito muito bom.

onze meses.

agora ela se foi  
como todas se vão.

desta vez o negócio acabou comigo.

é um longo caminho de volta  
mas de volta pra onde?

o cara que vai na minha frente acaba de  
cair.

passo por cima dele.

será que ela também o acertou?

*cometi um erro*

me estiquei até a última prateleira do armário  
e puxei de lá uma calcinha azul  
e mostrei a ela e  
perguntei “são suas?”

e ela olhou e disse,  
“não, devem ser da cadela”.

depois disso ela se foi e não a vi  
desde então. não está na sua casa.  
continuo passando por lá, enfiando bilhetes  
debaixo da porta. volto ali e os bilhetes  
continuam intocados. arranco a cruz de Malta  
do retrovisor do meu carro e a amarro  
com um cadarço à sua maçaneta, deixo  
um livro de poemas.  
ao retornar na noite seguinte tudo  
continua ali.

continuo rondando as ruas em busca  
daquele encouraçado cor de vinho que ela dirige  
com uma bateria fraca, e as portas  
pendendo das dobradiças estropiadas.

circulo pelas ruas  
a um passo de chorar,  
envergonhado de meu sentimentalismo e  
possível amor.

um homem velho e confuso dirigindo na chuva  
perguntando-se onde a boa sorte foi  
parar.



# 4

*melodias populares no que restou de sua mente*

## *garotas de meia-calça*

estudantes de meia-calça  
sentadas nas paradas de ônibus  
parecendo cansadas aos 13  
com seus batons de framboesa.  
está quente sob o sol  
e o dia na escola foi  
maçante, e ir pra casa é  
maçante, e eu  
dirijo meu carro  
e dou uma espiada naquelas pernas quentes.  
seus olhos não estão focados  
em nada –  
elas foram avisadas sobre  
os veteranos tarados e  
cruéis; eles não desistirão  
assim tão fácil.  
e ainda assim é maçante  
passar aqueles minutos no  
banco e os anos em  
casa, e os livros que elas  
carregam são maçantes e aquilo de que se  
alimentam é maçante, e até mesmo os  
veteranos tarados e cruéis são  
maçantes.

as garotas de meia-calça esperam,  
esperam pelo momento e hora  
exatos para só então se mover  
e certamente conquistar.

circulo com o meu carro  
espiando suas pernas  
satisfeito por saber que jamais farei  
parte nem de seus paraísos nem de  
seus infernos. mas os batons  
escarlates naquelas tristes bocas  
que esperam! seria delicioso  
beijar cada uma delas, uma vez que fosse, por completo,

e então devolvê-las.  
mas o ônibus as  
pegará primeiro.

*subindo seu rio amarelo*

uma mulher contou a um homem  
assim que ele desceu de um avião  
que eu estava morto.  
uma revista publicou  
a notícia de que eu tinha morrido  
e mais alguém disse  
que eles ouviram sobre o meu  
falecimento, e que então alguém  
escreveu um artigo e disse  
nosso Rimbaud nosso Villion está  
morto. ao mesmo tempo um velho  
parceiro de bebida publicou  
um texto afirmando que eu  
já não podia mais escrever. um  
verdadeiro trabalho de Judas. eles  
não podem esperar que eu me vá, esses  
cretinos. bem, escuto o  
concerto de piano número um  
de Tchaikovski e  
o locutor anuncia que a  
5ª e a 10ª sinfonias de Mahler  
virão a seguir desde  
Amsterdã,  
e as garrafas de cerveja se  
espalham sobre o chão e as cinzas  
dos meus cigarros  
cobrem minhas cuecas de  
algodão e minha barriga, mandei  
todas as minhas namoradas  
pro inferno, e mesmo isto  
é um poema muito melhor do que  
qualquer coisa que esses coveiros  
possam escrever.

*artistas:*

ela me escreveu por anos.  
“estou bebendo vinho na cozinha.  
chove lá fora. as crianças  
estão na escola.”

ela era uma cidadã qualquer  
ocupada com sua alma, sua máquina de escrever  
e sua  
reputação como poeta *underground*.

ela escrevia decentemente e com honestidade  
mas apenas depois que outros já  
havam aberto o caminho.

me ligava bêbada às 2 da manhã  
às 3  
enquanto o marido dormia.

“é bom ouvir a sua voz”, ela  
dizia.

“é bom ouvir a sua voz também”, eu  
dizia.

que diabo, você  
sabe.

ela finalmente apareceu. acho que teve  
algo a ver com  
*The Chapparal Poets Society of California*.  
eles tinham que eleger seus quadros. ela me ligou  
do hotel deles.

“estou aqui”, ela disse, “vamos eleger  
os representantes.”  
“ok, ótimo”, eu disse, “escolha uns realmente bons”.

desliguei.

o telefone voltou a tocar.

“ei, você não quer me ver?”

“claro”, eu disse, “qual é o endereço?”

depois que ela disse até logo eu bati uma  
troquei as meias  
bebi meia garrafa de vinho e  
segui até lá.

estavam todos bêbados e tentavam  
se foder mutuamente.

levei-a para minha casa.

ela vestia uma calcinha cor-de-rosa  
com fitinhas.

bebemos uma pouco de cerveja e  
fumamos e falamos sobre  
Ezra Pound, depois  
dormimos.

já não tenho claro  
se a levei para o  
aeroporto ou  
não.

ela continua me escrevendo cartas  
e eu as respondo  
da pior maneira possível  
torcendo para que ela  
desista.

algum dia talvez ela alcance a  
fama como Erica  
Jong. (seu rosto não é lá essas coisas  
mas seu corpo é legal)  
e eu pensarei,

meu Deus, o que foi que eu fiz?  
estraguei tudo.  
ou melhor: eu não estraguei  
nada.

enquanto isso tenho o número de sua caixa postal  
e é melhor eu informar a ela  
que meu segundo romance sairá  
em setembro.

isso deverá manter os seus mamilos duros  
enquanto considero a possibilidade de  
Francine du Plessix Gray<sup>[4]</sup>.

*eu também tenho a cueca carimbada*

escuto suas vozes do lado de fora:

“ele sempre bate à máquina até tão tarde?”

“não, é bastante incomum.”

“ele não deveria bater a essa hora.”

“isso quase nunca acontece.”

“ele bebe?”

“acho que sim.”

“ontem ele foi até a caixa do correio só de cuecas.”

“eu também vi.”

“ele não tem amigos.”

“está velho.”

“não deveria bater a esta hora.”

eles entram e começa  
a chover enquanto  
3 disparos soam a meia quadra  
de distância e  
um dos arranha-céus no  
centro de L.A. começa  
a arder  
em chamas de 8 metros que lambem a escuridão  
da noite.



## *Hawley está saindo da cidade*

este cara  
tem um olhar louco  
e é bronzeado  
um bronzeado escuro de sol  
o sol de Hollywood e do oeste  
o sol do hipódromo  
ele me vê e diz,  
“ei, Hawley está saindo da cidade  
por uma semana. ele detona  
as minhas vantagens. agora  
tenho uma chance.”

ele está sorrindo, fala sério:  
com Hawley fora da cidade  
ele se mudará para  
aquele castelo em Hollywood Hills;  
dançarinas  
seis pastores alemães  
uma ponte levadiça,  
vinhos de dez  
anos.

Sam, o Putanheiro,  
se aproxima e eu lhe digo que  
estou faturando US\$ 150 por dia  
nas corridas.  
“vou direto nas  
totalizações”, eu lhe digo.  
“preciso de uma garota”, ele me diz,  
“que possa prender um cara  
sem vir com toda essa bobajada sobre  
moral cristã  
no final.  
“Hawley está saindo da cidade”,  
eu digo a Sam.

“onde está o Sapato?”

ele pergunta.

“lá pro leste”, diz um velho

que está ali parado.

ele tem um pequeno protetor de plástico branco

sobre o olho esquerdo

cravejado de

pequenos furos.

“isso deixa tudo nas mãos do Pinky”,

diz o bronzeado.

ficamos todos ali de pé olhando uns para os

outros.

então

após um sinal silencioso

nos afastamos

e seguimos,

cada qual

em uma direção diferente:

norte sul leste oeste.

nós sabemos de algo.

*um poema rude*

eles seguem escrevendo  
despejando poemas...  
jovens garotos e professores universitários  
esposas que bebem vinho durante a tarde  
enquanto seus maridos trabalham,  
eles seguem escrevendo  
os mesmos nomes nas mesmas revistas  
todos escrevendo um pouco pior a cada ano,  
lançando uma coletânea de poesias  
despejando mais poemas  
é como um concurso  
é um concurso  
mas o prêmio é invisível.

eles não escreverão contos ou artigos  
ou romances  
apenas seguirão  
despejando poemas  
cada um soando mais e mais como os outros  
e menos e menos como eles mesmos,  
e alguns dos garotos se cansam e desistem  
mas os professores nunca desistem  
e as mulheres que bebem vinho durante a tarde  
nunca nunca nunca desistem  
e novos garotos chegam com novas revistas  
e há alguma correspondência entre homens e mulheres  
algumas fudas  
e tudo é exagerado e estúpido.

quando os poemas são recusados  
eles os reescrevem  
e mandam para a próxima revista na lista,  
e eles fazem *leituras*  
todas as leituras que conseguem  
de graça na maioria das vezes  
esperando que alguém finalmente os reconheça  
finalmente os aplauda  
finalmente os congratule e reconheça o

talento deles  
estão todos tão certos de suas genialidades  
há tão pouco autoquestionamento,  
e a maioria deles vive em North Beach ou Nova York,  
e seus rostos são como seus poemas:  
iguais,  
e conhecem uns aos outros e  
se congregam e se odeiam e se admiram e se escolhem e se  
descartam  
e seguem despejando mais poemas  
mais poemas  
mais poemas  
o concurso dos cretinos:  
tap, tap, tap, tap, tap, tap, tap, tap, tap, tap...

## *uma abelha*

suponho que como qualquer garoto  
tive um melhor amigo na vizinhança.  
o nome dele era Eugene e era muito maior  
do que eu e um ano mais velho.  
Eugene costumava me encher de porrada.  
estávamos sempre brigando.  
eu tentava vencê-lo mas sempre sem muito  
sucesso.

uma vez pulamos juntos de cima do telhado da garagem  
para provar que éramos valentes.  
torci meu tornozelo e ele saiu ileso  
como manteiga recém-tirada do papel.

acho que a única coisa boa que ele fez por mim  
foi quando uma abelha me picou o pé descalço  
e assim que me sentei para tirar o ferrão  
ele disse,  
“vou pegar a filha da puta!”

e foi o que ele fez  
com uma raquete de tênis  
mais um martelo de borracha.

estava tudo bem  
dizem que de qualquer modo  
elas morrem.

meu pé inchou e dobrou de tamanho  
e eu fiquei de cama  
rezando para morrer

e Eugene seguiu em frente e se tornou um  
almirante ou comandante  
de alguma coisa de vulto na Marinha dos Estados Unidos  
e conseguiu passar por uma ou duas guerras  
sem se ferir.

imagino-o envelhecido agora  
numa cadeira de balanço  
com seus dentes postiços  
bebendo seu leitinho...

enquanto eu bêbado  
masturbo esta tiete de 19 anos  
que divide a cama comigo.

mas o pior é que  
(assim como naquele salto do telhado da garagem)  
Eugene segue vencendo  
porque ele nem sequer está pensando  
em mim.

*o principal*

aí vem a cabeça de peixe cantante  
aí vem a batata assada em sua roupa bizarra

aí vem nada para fazer o dia todo  
aí vem outra noite sem conciliar o sono

aí vem o telefone e sua campainha errada

aí vem um cupim com um banjo  
aí vem um mastro com olhos vazios  
aí vem um gato e um cachorro usando meias de náilon

aí vem uma metralhadora em cantoria  
aí vem o bacon numa frigideira  
aí vem uma voz dizendo qualquer coisa tola

aí vem um jornal recheado com pequenos pássaros  
com bicos marrons e retos

[vermelhos

aí vem uma boceta carregando uma tocha  
uma granada  
um amor fatal

aí vem a vitória carregando  
um balde de sangue  
e tropeçando num arbusto

e os lençóis pendurados nas janelas

e os bombardeiros em direção a leste oeste norte sul  
se perdem  
se reviram como salada  
enquanto todos os peixes no mar se alinham em fila  
única

uma longa fila

muito longa e fina  
a linha mais longa que você puder imaginar

e nós nos perdemos  
cruzando montanhas púrpuras

caminhamos a esmo  
por fim nus como a faca

tendo desistido  
tendo posto tudo pra fora como uma inesperada semente de  
azeitona  
enquanto a garota da central telefônica  
grita ao telefone:  
“não retorne a ligação! você parece um cretino!”



*ah...*

bebendo cerveja alemã  
e tentando alcançar o  
o poema imortal às  
5 da tarde.  
mas, ah, eu disse aos  
estudantes que a coisa certa  
a fazer é não tentar.

mas quando as mulheres não estão  
por perto e os cavalos não estão  
correndo  
o que mais se pode fazer?

tive um par de  
fantasias sexuais  
almocei fora  
enviei três cartas  
fui à mercearia.  
nada na tv.  
o telefone está calado.  
passei fio dental

entre meus dentes.  
não vai chover e eu escuto  
os primeiros a chegar das  
8 horas de trabalho enquanto  
dirigem e estacionam seus carros  
atrás do apartamento  
ao lado.

me sento bebendo cerveja alemã  
e tento alcançar  
o grande poema  
e não irei conseguir.  
apenas seguirei bebendo  
mais e mais cerveja alemã  
e enrolando cigarros

e lá pelas 11 horas  
estarei deitado  
na cama desfeita  
olhando para cima  
acordado sob a luz  
elétrica  
esperando ainda pelo poema  
imortal.

*a garota no banco da parada de ônibus*

eu a vi quando eu estava na pista da esquerda  
indo a leste pela Sunset.  
ela estava sentada  
as pernas cruzadas  
lendo um livro de bolso.  
era italiana ou indiana ou  
grega  
e enquanto eu estava parado no sinal vermelho  
vez ou outra um vento  
erguia sua saia,  
eu tinha a visão desimpedida,  
revelando  
pernas da mais imaculada perfeição  
que eu jamais vira.  
sou essencialmente tímido  
mas olhei e fiquei olhando  
até que uma pessoa no carro atrás de mim  
começou a buzinar.

isso nunca tinha acontecido dessa  
maneira.  
dei a volta na quadra  
e estacionei numa vaga do  
supermercado  
bem em frente ao lugar em que ela estava  
de óculos escuros  
eu não deixava de olhar  
como um colegial em sua primeira  
excitação.

memorizei seus sapatos  
seu vestido  
suas meias  
seu rosto.  
os carros passavam e me bloqueavam  
a visão.  
então eu a via novamente.  
o vento erguia sua saia

para muito além das coxas  
e comecei a me tocar.  
um pouco antes do ônibus dela aparecer  
cheguei ao orgasmo.  
senti o cheiro do meu esperma  
sua umidade em meu calção  
e cueca.

era um ônibus branco e feio  
e a levou embora.

dei a ré no estacionamento  
pensando, eu sou um *voyeur* pervertido  
mas ao menos não me  
expus.

sou um *voyeur* pervertido  
mas por que elas fazem isso?  
por que têm essa aparência?  
por que deixam o vento soprar  
assim?

ao chegar em casa  
tirei a roupa e fui para o banho  
saí enrolado na  
toalha  
liguei  
as notícias  
apaguei as notícias  
e  
escrevi este poema.

*voltando para onde eu estava*

eu costumava retirar a parte de trás  
do telefone e enchê-la com trapos  
e quando batiam à porta  
eu me fingia de morto e se eles persistissem  
mandava-os em termos vulgares para aquele  
lugar.

apenas mais um velho maluco  
com asas de ouro  
uma pança branca e flácida  
mais  
um par de olhos capaz de nocautear  
o sol.

*um casal adorável*

eu tinha que dar uma cagada  
mas em vez disso fui  
até essa loja para  
fazer uma chave.  
a mulher usava um vestido  
de algodão e cheirava  
a rato almiscarado.  
“Ralph”, ela urrou  
e, seu marido,  
um porco velho numa  
camisa florida  
calçando um sapato 39  
apareceu e ela disse,  
“esse homem quer  
uma chave”.  
ele começou a afiá-la  
como se realmente não quisesse  
fazer aquilo.  
havia sombras  
furtivas e urina  
no ar.  
segui ao longo do  
balcão de vidro,  
apontei e chamei a  
mulher,  
“ei, eu quero este  
aqui”.  
ela me alcançou o  
objeto: um canivete  
num estojo de um púrpura  
claro.  
US\$ 6.50 mais as taxas.  
a chave custou  
praticamente  
nada.  
peguei o troco e  
saí em direção  
à rua.

algumas vezes você precisa  
de gente desse tipo.

*a noite mais estranha que de fato você já viu...*

eu tinha esse quarto da frente na DeLongpre  
e costumava me sentar por horas  
durante o dia  
olhando pela janela  
da frente.  
havia um número incontável de garotas que  
passavam  
rebolando;  
aquilo salvava minhas tardes,  
acrescentava algo à cerveja e aos  
cigarros.

certo dia eu vi alguma coisa  
a mais.  
escutei primeiro o som.  
“vamos lá, empurrem!”, ele disse.  
era uma enorme tábua  
com 1 metro de largura por  
20 de comprimento;  
com rodinhas atarraxadas às extremidades  
e ao meio.  
ele puxava pela frente  
usando duas longas cordas presas à tábua  
e ela ia atrás  
controlando a direção e também empurrando.  
todos os seus bens estavam atados àquela  
tábua:  
potes, panelas, colchas e tudo o mais  
amarrado à tábua  
bem preso;  
e as rodinhas rangiam.

ele era branco, um colono, um  
sulista –  
magro, curvo, as calças a ponto  
de cair e revelar  
seu rabo –  
o rosto rosado pelo sol e



vinho barato,  
e ela negra  
caminhando aprumada  
empurrando;  
ela era simplesmente maravilhosa  
de turbante  
grandes brincos verdes  
um vestido amarelo  
que ia  
do pescoço ao  
tornozelo.  
seu rosto estava gloriosamente  
indiferente.

“não se preocupe!” ele gritou, voltando-se para  
ela, “alguém vai  
nos alugar um quarto!”

ela não respondeu.

então eles desapareceram  
embora eu ainda ouvisse  
as rodinhas.

eles iriam conseguir,  
pensei.

tenho certeza que  
sim.

*numa vizinhança de assassinos*

as baratas cospem  
clipes de papel  
e o helicóptero descreve círculos e mais círculos  
em busca de sangue  
luzes de busca deslizando furtivas por nosso  
quarto

5 caras nesta área têm pistolas  
outro um  
facão  
somos todos assassinos e  
alcoólatras  
mas a coisa é ainda pior no hotel  
do outro lado da rua  
eles ficam sentados na entrada verde e branca  
banais e depravados  
esperando para serem institucionalizados

aqui cada um de nós tem um pequeno vaso  
na janela  
e quando brigamos com nossas mulheres às 3 da manhã  
falamos  
baixinho  
e em cada uma das varandas  
há um pequeno prato de comida  
sempre esvaziado pela manhã  
presumimos  
pelos  
gatos.

## *soldado raso*

tiraram meu homem das ruas  
outro dia  
ele usava um casaco de moletom dos L.A. Rams<sup>LSI</sup>  
as mangas cortadas  
e debaixo  
uma camiseta do exército  
soldado raso  
e ele usava uma boina verde  
caminhava muito ereto  
era negro e vestia calções marrons  
o cabelo de um loiro apagado  
nunca incomodava ninguém  
roubava alguns bebês  
e corria dando gargalhadas  
mas sempre retornava com as crianças  
ilesas  
dormia atrás do  
bordel  
com a permissão das garotas.  
a paixão se revela em  
estranhos lugares.

certo dia não o vi mais  
e depois mais outro se passou.  
perguntei nas redondezas.

meus impostos voltarão  
a subir. o estado precisa lhe  
dar abrigo e  
comida. os policiais o pegaram.  
isso não é  
bom.

*o amor é um cão dos diabos*

pé de queijo  
alma de cafeteira  
mãos que odeiam tacos de bilhar  
olhos como clipes de papel  
eu prefiro vinho tinto  
entedio-me em aviões  
sou dócil durante terremotos  
sonolento em funerais  
vomito nos desfiles  
e vou para o sacrifício no xadrez  
e nas bocetas e nos afetos  
cheiro urina nas igrejas  
já não consigo mais ler  
já não consigo mais dormir

olhos como clipes de papel  
meus olhos verdes  
prefiro vinho branco

minha caixa de camisinhas está passando da  
validade  
eu as tiro pra fora  
Trojan-Enz<sup>61</sup>  
lubrificadas  
para maior sensibilidade  
tiro todas pra fora  
e ponho três ao mesmo tempo

as paredes do meu quarto são azuis

para onde você foi, Linda?  
para onde você foi, Katherine?  
(e Nina partiu pra Inglaterra)  
tenho cortadores de unha  
e limpa-vidros Windex  
olhos verdes  
quarto azul

brilhante metralhadora solar

essa coisa toda é como uma foca  
presa em oleosas rochas  
e cercada pela Banda Marcial de Long Beach  
às 3h26 da tarde

há um tiquetaquear atrás de mim  
mas nenhum relógio  
sinto algo rastejar  
ao longo de minha narina esquerda:  
memórias de aviões

minha mãe tinha dentes postiços  
meu pai tinha dentes postiços  
e durante todos os sábados de suas vidas  
eles recolham todos os tapetes de sua casa  
enceravam o chão de tabuões  
e o cobriam novamente com os tapetes

e Nina está na Inglaterra  
e Irene está no abrigo municipal  
e eu pego meus olhos verdes  
e me deito em meu quarto azul

*minha tiete*

fiz uma leitura no último sábado no  
bosque para além de Santa Cruz  
e estava a 3/4 do final  
quando escutei um grito longo e desesperado  
e uma jovem bastante  
atraente veio correndo em minha direção  
vestido longo & fogo divino nos olhos  
e invadiu o palco  
e gritou: “EU QUERO VOCÊ!  
EU QUERO VOCÊ! ME LEVE! ME  
LEVE!”  
eu disse a ela: “olhe, fique longe  
de mim”.  
mas ela continuava agarrada às minhas  
roupas e se esfregando em  
mim.  
“onde você estava”, eu lhe perguntei, “quando eu  
vivia com apenas uma barra de doce por dia e  
mandava meus contos para a  
Atlantic Monthly?”  
ela agarrou minhas bolas e quase  
as arrancou. seus beijos  
tinham gosto de sopa de merda.  
2 mulheres subiram no palco  
e  
a carregaram para dentro do  
bosque.  
eu ainda podia ouvir seus gritos  
quando comecei o poema seguinte.

talvez, pensei, eu devesse  
tê-la possuído naquele palco na frente  
de todos aqueles olhos.  
mas alguém nunca pode ter certeza  
se isso é boa poesia ou  
ácido de má qualidade.

*agora, se você tivesse que ensinar escrita criativa, ele perguntou, o que você  
lhes diria?*

eu lhes diria para terem um caso de amor  
fracassado, hemorróidas, dentes podres  
e beber vinho barato,  
para evitarem a ópera e o golfe e o xadrez,  
seguirem trocando a guarda de suas  
camas de parede em parede  
e depois eu lhes diria para terem  
outro caso de amor fracassado  
e nunca usar uma fita de seda na máquina  
de escrever,  
evitar os piqueniques em família  
ou serem fotografados em um jardim coberto de  
rosas;  
para lerem Hemingway apenas uma vez,  
pularem Faulkner  
ignorarem Gogol  
olharem fixo para as fotos de Gertrude Stein  
e ler Sherwood Anderson na cama  
comendo biscoitos Ritz água e sal,  
perceberem que as pessoas que não param  
de falar sobre a liberação sexual  
na verdade estão mais assustadas do que vocês.  
para ouvirem E. Power Biggs debulhar o  
órgão no rádio enquanto estão  
fumando um Bull Durham no escuro  
numa cidade estranha  
restando apenas um dia pago de aluguel  
após terem desistido de tudo  
amigos, parentes e empregos.  
jamais se considerem superiores e/  
ou dentro da média  
nem nunca tentem sê-lo.  
tenham um outro caso de amor fracassado.  
observem uma mosca sobre uma cortina de verão.  
jamais tentem ter sucesso.  
não joguem sinuca.  
deixem que uma fúria legítima tome conta de vocês

quando seus carros estiverem com um pneu no chão.  
tomem vitaminas mas não levatem pesos nem corram.

então depois disso tudo  
revertam o processo.  
tenham um bom caso de amor.  
e a coisa  
que vocês talvez aprendam  
é que ninguém sabe nada –  
nem o Estado, nem os ratos  
nem a mangueira no jardim nem a Estrela Polar.  
e se por acaso vocês me pegarem  
ensinando numa classe de escrita criativa  
e me lerem este poema  
eu lhes darei um A com louvor  
bem no olho  
do cu.



## *a boa vida*

uma casa com 7 ou 8 pessoas  
vivendo ali  
rachando o aluguel.  
há um estéreo nunca utilizado  
e um par de bongôs  
nunca utilizado  
e há panos cobrindo as  
janelas  
e você fuma  
enquanto baratas vivas  
escorregam sobre os botões de sua  
camisa e despencam no  
chão.

está escuro e alguém vai em  
busca de comida. você come  
e dorme. todos dormem ao mesmo  
tempo: no chão, sobre as mesas,  
sofás, camas, nas banheiras. há até  
mesmo uma pessoa lá fora no mato.

então alguém acorda e  
diz, “vamos lá, vamos fechar  
um!”

alguns outros acordam.  
“opa. é isso aí.”

“beleza. vamos lá, alguém aí  
fecha dois. vamos nos  
chapar!”

“isso. vamos nos chapar!”

fumamos alguns baseados e depois  
voltamos a dormir  
trocando apenas de lugar

da banheira para o sofá, da mesa para  
o tapete, da cama para o chão, e um novo  
sujeito desaba no mato  
lá fora, e eles ainda não  
encontraram Patty Hearst e Tim não quer  
falar com  
Allan.

## *o grego*

o cara do pátio da frente não consegue  
falar inglês, ele é grego, um  
sujeito com um aspecto um tanto estúpido  
e feio que é o diabo.

agora meu senhorio resolveu pintar quadros,  
nada muito bom.

ele mostrou ao grego uma de suas pinturas.

o grego saiu e voltou com  
papéis, pincéis, tintas.

o grego começou a pintar no seu pátio  
da frente. ele deixa as pinturas do lado de fora pra  
secar.

o grego nunca havia pintado antes –  
agora ali estão:

um violão azul  
uma rua  
um cavalo.

ele é bom  
para os seus mais de quarenta anos ele é  
bom.  
encontrou um  
brinquedo.  
está feliz  
agora.

então eu penso, me pergunto se ele chegará a ficar  
muito bom?  
e me pergunto se terei que ver  
o resto?  
a glória e as mulheres e as mulheres e  
as mulheres e as mulheres e

a decadência.

quase posso farejar os sanguessugas formando  
uma fila à esquerda.

veja bem,  
eu mesmo já estou ligado a ele.

## *meus camaradas*

aquele ali ensina  
aquele outro vive com a mãe.  
e aquele outro é sustentado por um pai alcoólatra e

[rubicundo

dono de um cérebro de mutuca.  
aquele ali toma boletas e vem sendo sustentado pela  
mesma mulher há 14 anos.  
aquele outro escreve um romance a cada dez dias  
mas ao menos paga o próprio aluguel.  
aquele ali vai de lugar em lugar  
dormindo em sofás, bebendo e proferindo seus  
discursos.  
aquele ali imprime seus próprios livros numa máquina  
copiadora.  
aquele outro vive num vestiário abandonado  
num hotel em Hollywood.  
aquele parece saber como arranjar tostão depois de tostão,  
sua vida é um preencher de formulários.  
aquele ali simplesmente é rico e vive nos melhores  
lugares enquanto bate às melhores portas.  
aquele lá tomou café com William Carlos  
Williams.  
e aquele ali ensina.  
e aquele lá ensina.  
e aquele ali publica livros de autoajuda sobre como fazer  
as coisas e usa uma voz dominadora e cruel.

eles estão em todo o lugar.  
todos são escritores.  
e quase todo escritor é um poeta.  
poetas poetas poetas poetas poetas poetas  
poetas poetas poetas poetas poetas poetas

a próxima vez que o telefone tocar  
será um poeta.  
a próxima pessoa a bater à porta  
será um poeta.  
aquele ali ensina

e aquele outro vive com a mãe  
e aquele lá está escrevendo a história de  
Ezra Pound.

oh, irmãos, somos as mais doentes e  
as piores criaturas da raça.

## *alma*

oh, como eles se preocupam com minha  
alma!

recebo cartas

o telefone toca...

“você vai ficar bem?”

perguntam.

“ficarei bem”, eu lhes digo.

“já vi tantos se afundarem na sarjeta”,  
eles me dizem.

“não se preocupem comigo”, digo.

ainda assim me deixam nervoso.

entro e tomo uma chuveirada

saio e espremo uma espinha do

nariz.

então vou até a cozinha e preparo

um sanduíche de salame e presunto.

eu costumava viver de doces baratos.

agora tenho mostarda alemã importada

para passar no sanduíche. devo estar em perigo

por causa disso.

o telefone segue tocando e as cartas seguem  
chegando.

se você vive dentro de um armário na companhia de ratos

e come pão velho

eles gostam de você.

você passa a ser um

gênio.

ou se está num manicômio ou

detido numa delegacia

eles o chamam de gênio.

ou se você está bêbado e não para de gritar

obscenidades

vomitando as tripas no

chão  
você é um gênio.

mas experimente pagar o aluguel um mês  
adiantado  
vestir um novo par de meias  
ir ao dentista  
fazer amor com uma garota limpa e saudável  
em vez de pegar uma puta  
e você vendeu sua  
alma.

não estou minimamente interessado em perguntar como  
vão suas almas.  
suponho que era o que eu deveria  
fazer.



## *uma mudança de hábito*

Shirley chegou à cidade com uma perna quebrada  
e conheceu o chicano que fumava  
longos charutos *slim*  
e eles foram morar juntos  
na Beacon Street  
5º andar;  
a perna não atrapalhava  
muito e  
eles assistiam televisão juntos  
e Shirley cozinhava, de  
muletas e tudo;  
havia um gato, Bogey,  
e eles tinham alguns amigos  
e falavam sobre esportes e Richard Nixon  
e de como era difícil tocar  
as coisas.  
funcionou por alguns meses,  
Shirley se livrou até do gesso,  
e o chicano, Manuel,  
conseguiu um emprego no Biltmore,  
Shirley costurava todos os botões caídos  
das camisas de Manuel, remendava e emparelhava as meias  
dele, então  
um dia Manuel retornou para casa, e  
ela havia sumido –  
sem discussão, sem bilhete, apenas  
sumira, levando todas as roupas  
e pertences, e  
Manuel sentou-se junto à janela e olhou para a rua  
e não foi ao trabalho  
na manhã seguinte nem  
na outra e nem  
na outra,  
sequer ligou para avisar,  
perdeu o emprego,  
recebeu uma multa por estacionamento proibido, fumou  
quatrocentos e sessenta cigarros, foi  
preso por embriaguez, saiu por

fiança, foi  
a julgamento e se confessou  
culpado.

quando o aluguel venceu ele  
se mudou da Beacon Street,  
deixou o gato e foi viver com  
seu irmão e  
os dois enchiam a cara  
todas as noites  
e falavam sobre o quão  
terrível  
era a vida.

Manuel jamais voltou a fumar  
aqueles longos charutos *slim*  
porque Shirley sempre dizia  
como  
ele ficava bonito  
com eles na boca.

\$\$\$\$\$\$

sempre tive problemas com  
dinheiro.  
num dos lugares em que trabalhei  
todos comiam cachorro-quente  
e batatas fritas  
na cantina da empresa  
3 dias antes de cada  
pagamento.  
eu queria uns bifés,  
cheguei inclusive a procurar o gerente  
da cantina e  
exigir que ele servisse  
uns bifés. ele se recusou.

Eu esqueci do dia do pagamento.  
eu tinha um alto grau de indiferença e  
o dia do pagamento chegava e todos  
não falavam em outra  
coisa.  
“pagamento?” eu dizia, “diabo, hoje é dia de  
receber? me esqueci de pegar meu  
último cheque...”

“pare de falar merda, cara...”

“não, não, é sério...”

eu me erguia e ia até o caixa  
e claro que o cheque estava lá  
e na volta eu o mostrava  
a todos eles. “Jesus Cristo, esqueci completamente  
do negócio...”

por alguma razão isso os deixava  
furiosos. então o funcionário do caixa  
aparecia. eu tinha dois  
cheques. “Jesus”, eu dizia, “dois cheques”.

e eles ficavam  
furiosos.  
alguns deles mantinham  
dois empregos.

No pior dos dias  
chovia pesadamente  
eu não tinha uma capa de chuva então  
vesti um velho casaco que eu não usava havia  
meses e  
cheguei um pouco atrasado  
quando eles já estavam no batente.  
procurei por cigarros nos bolsos  
e num deles encontrei uma nota de  
cinco dólares:  
“ei, vejam”, eu disse, “acabo de encontrar cinco pratas  
que eu não sabia que tinha, que  
beleza”.

“ei, cara, não venha com essa  
merda!”

“não, não, estou falando *sério*, de verdade, lembro  
de ter vestido este casaco quando  
estava bêbado e vagando de bar  
em bar. já me tomaram dinheiro muitas vezes,  
fiquei desconfiado... tiro o dinheiro da  
minha carteira e o escondo em  
outras partes.”

“sente de uma vez e comece a  
trabalhar.”

meti a mão num bolso interno:  
“ei, vejam, tem um VINTÃO aqui! Deus, não sabia  
que tinha este VINTÃO!  
estou  
RICO!”

“ninguém está achando graça, seu  
filho da puta...”

“ei, meu Deus, aqui tem mais OUTRA de vinte! é muita, muita muita grana... eu *sabia* que não tinha gasto todo o dinheiro naquela noite. pensei que tinham me levado os cobres outra vez...”

continuei vasculhando o casaco. “ei, aqui tem uma de dez e aqui mais um cinquinho! meu Deus...”

“escute, já disse pra você *sentar e calar a boca...*”

“meu Deus, estou RICO... não *preciso* nem mais deste emprego...”

“cara, senta aí...”

achei mais outra de dez depois que me sentei mas não disse nada.  
podia sentir as ondas de ódio e estava confuso,  
eles achavam que eu tinha armado toda aquela história apenas para fazê-los se sentirem mal. não era o que eu queria. pessoas que tem que passar a cachorros-quentes e batatas fritas por 3 dias antes de sair o pagamento já se sentem mal o suficiente.

sentei-me  
inclinei-me para a frente e comecei a trabalhar.

do lado de fora continuava chovendo.

*sentado numa lancheria*

minha filha é a maior  
das glórias.  
comíamos um lanche  
para viagem em meu carro  
em Santa Mônica.  
eu digo, “ei, filha,  
minha vida tem sido  
boa, tão boa”.  
ela me olha.  
baixo minha cabeça  
contra o volante,  
tremo, depois  
abro a porta de supetão,  
finjo  
vomitar.  
me endireito.  
ela ri  
mordendo seu  
sanduíche.  
pego quatro  
batatas fritas  
coloco-as em minha boca,  
mastigo-as.  
são 5h20 da tarde  
e os carros passam voando por nós  
pra lá e pra cá.  
lanço um olhar furtivo:  
tivemos toda a sorte de  
que precisamos:  
seus olhos brilham  
enquanto o dia  
cai, e ela está  
sorrindo.

*danação e hora da sesta*

meu amigo está preocupado com a morte

ele vive em Frisco  
eu em L.A.

ele vai à academia e  
puxa uns ferros e dá golpes  
num grande saco.

a velhice o diminui.

não pode beber por causa  
do fígado.

consegue fazer  
50 flexões.

ele me escreve  
cartas  
me dizendo  
que sou o único que  
o escuta.

claro, Hal, eu lhe respondo  
num cartão-postal.

mas não quero gastar  
toda essa grana em academia.

vou para a cama  
com um sanduíche de  
linguiça de fígado e cebola  
à uma hora da tarde.

depois de comer  
tiro um cochilo

com os heli-  
cópteros e os abutres  
circulando sobre meu  
colchão de molas deformado.



*tão louco quanto sempre fui*

bêbado e escrevendo poemas  
às 3 da manhã.

o que importa agora  
é mais uma  
boceta  
apertada

antes que a luz  
se apague

bêbado e escrevendo poemas  
às 3h15 da manhã.

algumas pessoas me dizem que sou  
famoso.

o que estou fazendo sozinho  
bêbado e escrevendo poemas às  
3h18 da manhã?

sou tão louco quanto sempre fui  
eles não entendem  
que não parei de me pendurar pelos calcanhares  
da janela do 4º andar –  
eu ainda o faço  
agora mesmo  
aqui sentado

ao escrever estas linhas  
estou pendurado pelos calcanhares  
vários andares acima:  
68, 72, 101,  
a sensação é a  
mesma:  
implacável  
banal e

necessária

aqui sentado

bêbado e escrevendo poemas

às 3h24 da manhã.

*sexo*

vou pela avenida Wilton  
quando esta garota de uns 15 anos  
vestida com um *jeans* apertado  
que se cola ao seu rabo como duas mãos  
pula na frente do meu carro  
paro e deixo ela cruzar a rua  
e enquanto olho suas curvas ondulantes  
ela me olha direto através do  
para-brisa  
com olhos púrpuras  
e então faz brotar  
para fora da boca  
a maior bola de chiclete  
cor-de-rosa  
que eu jamais vi  
enquanto escuto Beethoven  
no rádio do carro.  
ela entra numa mercearia  
e se vai  
e eu fico abandonado com o  
Ludwig.

*já morreu*

sempre quis transar com  
Henry Miller, ela disse,  
mas quando cheguei lá  
era tarde demais.

diabos, eu disse, vocês  
sempre chegam tarde demais, garotas.  
hoje já me masturbei  
duas vezes.

não era esse o problema dele,  
ela disse. a propósito,  
como você consegue bater  
tantas?

é o espaço, eu digo,  
todo o espaço entre  
os poemas e os contos, é  
intolerável.

você deveria esperar, ela disse,  
você é impaciente.

o que você pensa de Céline?  
perguntei.

queria transar com ele também.

já morreu, eu disse.

já morreu, ela disse.

importa-se de ouvir uma  
musiquinha? perguntei.  
pode ser legal, ela disse.

dei-lhe Ives.

Era tudo que me restava  
naquela noite.

## *gêmeos*

ei, disse o meu amigo, quero que você conheça  
Hangdog Harry, ele me lembra você,  
e eu disse, tudo bem, e fomos até  
esse hotel ordinário.

velhos assistiam sentados  
um programa de tevê no saguão  
enquanto subíamos a escada  
até o 209 e lá estava Hangdog  
sentado numa cadeira de palha  
uma garrafa de vinho aos seus pés  
o calendário do ano passado na parede,  
“sentem-se, rapazes”, ele disse,  
“este é o problema:  
a desumanidade do homem com o próprio homem”.  
ficamos vendo ele enrolar um  
cigarro Bull Durham.

“tenho um pescoço de 40 cm e matarei  
todos que quiserem foder comigo.”  
deu uma lambida no cigarro  
e depois cuspiu no tapete.  
“sintam-se em casa. fiquem à vontade.”

“como está se sentindo, Hangdog?” perguntou  
meu amigo.

“terrível. estou apaixonado por uma prostituta,  
não a vejo há 3 ou 4 semanas.”

“o que você acha que ela está fazendo, Hang?”

“bem, neste exato momento eu diria  
que ela está chupando algum caralho.”

ele apanhou a garrafa de vinho  
e deu uma tremenda enxugada.

“veja”, disse meu amigo a Hangdog,

“temos que ir”.

“certo, o tempo e a maré, ambos não esperam...”

ele me olhou:

“como disse que era seu nome mesmo?”

“Salomski.”

“prazer em conhecer você, rapaz.”

“o prazer foi meu.”

descemos a escada  
eles continuavam no saguão  
assistindo tevê.

“o que você achou dele?”  
perguntou meu amigo.

“porra”, eu disse, “ele era realmente um cara legal. com certeza.”

*o lugar não parecia mau*

ela tinha coxas colossais  
e uma risada muito gostosa  
ria de qualquer coisa  
e as cortinas eram amarelas  
e eu gozei  
e rolei para o lado  
e antes que ela fosse ao banheiro  
puxou um pano de baixo  
da cama e me jogou.  
estava duro  
enrijecido pelo esperma de outros  
homens.  
limpei-me no lençol.

ao retornar  
ela se curvou  
e pude ver todo seu traseiro  
enquanto ela colocava um Mozart  
para tocar.



## *as garotinhas*

lá no norte da Califórnia  
ele estava de pé no púlpito  
e estivera lendo por algum tempo  
poemas sobre  
a natureza e a bondade  
do homem.

ele sabia que tudo estava  
certo e não se podia culpá-lo:  
ele era um professor e nunca  
estivera na cadeia ou num bordel  
nunca tivera uma lata velha que enguiçou  
no meio de um engarrafamento;  
jamais precisara de mais de  
3 drinques durante sua noite mais  
selvagem;  
jamais tinha sido logrado, espancado,  
assaltado,  
nem fora mordido por um cachorro  
ele recebia cartas bacanas de Gary  
Snyder, e seu rosto era  
amável, liso e  
meigo.  
sua esposa jamais o traía,  
nem tivera sua sorte.

ele disse, “vou ler apenas mais  
3 poemas e então  
desço daqui e passo a  
palavra ao Bukowski”.

“oh, não, William”, disseram todas  
as garotinhas em seus vestidos rosas  
e azuis e brancos e laranjas e  
lavandas, “oh, não, William,  
leia um pouco mais, leia um pouco  
mais”!

ele leu mais um poema e então disse,  
“este será o último poema que  
lerei”.

“oh, não, William”, disseram todas as  
garotinhas em seus vestidos transparentes  
vermelhos e verdes, “oh, não, William”, disseram  
todas as garotinhas em seus *jeans* colados  
com pequenos corações a eles bordados,  
“oh, não, William”, disseram todas as garotinhas,  
“leia mais poemas, leia mais poemas!”

mas ele manteve a palavra.  
terminou o poema e desceu do púlpito e  
desapareceu. quando me levantei para ler  
as garotinhas se agitaram em  
seus assentos e algumas delas assobiaram e  
algumas fizeram comentários a meu respeito  
que usarei em outra ocasião.

duas ou três semanas depois  
recebi uma carta de William  
dizendo que tinha gostado de fato da minha leitura.  
um cavalheiro de verdade.  
eu estava na cama de cuecas e com uma  
ressaca de 3 dias. perdi o envelope  
mas peguei a carta e fiz com ela  
um aviãozinho como aqueles que  
aprendi a fazer na época do  
colégio. ele cruzou o quarto  
antes de aterrissar entre um velho programa de corrida  
e um par de cuecas carimbadas.

não nos correspondemos desde então.

## *chuva ou sol*

os abutres no zoo  
(todos os 3)  
sentam-se bastante tranquilos em sua  
árvore enjaulada  
e abaixo  
no chão  
há postas de carne podre.  
os abutres estão empanturrados  
nossos impostos os têm mantido  
bem alimentados.

seguimos para a próxima  
jaula.  
um homem está ali  
sentado no chão  
comendo  
a própria merda.  
reconheço a figura  
de nosso antigo carteiro.  
sua expressão favorita  
sempre fora:  
“tenha um ótimo dia”.  
naquele dia, foi o que me aconteceu.

## *ameixas geladas*

comendo ameixas geladas na cama  
ela me contou sobre o alemão  
que era dono de toda quadra  
exceto da loja de tecidos  
e de como ele tentou comprar  
a loja de tecidos  
mas as garotas disseram, não.  
o alemão tinha a melhor mercearia em  
Pasadena, suas carnes eram caras  
mas valiam o preço  
e suas frutas e verduras eram  
muito baratas e  
ele também vendia flores. as pessoas vinham  
de toda Pasadena para ir à sua  
loja  
mas ele queria comprar a loja de tecidos  
e as garotas seguiam dizendo, não.  
certa noite alguém foi visto saindo  
a correr pela porta dos fundos da loja de tecidos  
e então o fogo se ergueu  
e quase tudo foi destruído –  
elas fizeram um tremendo inventário  
tentaram salvar tudo o que tinha sobrado  
fizeram uma liquidação de incêndio  
mas não funcionou  
elas tiveram que vender, por fim,  
e então o alemão comprou a loja de tecido  
mas a deixou lá, vazia,  
a esposa do alemão tentou reerguer o negócio  
tentou vender pequenas cestas e outras quinquilharias  
mas não funcionou.

terminamos as ameixas.

“é uma história triste”, eu lhe disse.  
então ela se inclinou e começou a me chupar.  
as janelas estavam abertas e meus gritos  
podiam ser ouvidos por toda vizinhança  
às 5h20 de um fim de tarde.

## *garotas voltando para casa*

as garotas voltam para casa em seus carros  
e eu me sento à janela e  
assisto.

há uma garota num vestido vermelho  
dirigindo um carro branco  
há uma garota num vestido azul  
dirigindo um carro azul  
há uma garota num vestido rosa  
dirigindo um carro vermelho.

quando a garota no vestido vermelho  
desce do carro branco  
eu olho para suas pernas

quando a garota no vestido azul  
desce do carro azul  
eu olho para suas pernas  
quando a garota no vestido rosa  
desce do carro vermelho  
eu olho para suas pernas.

a garota no vestido vermelho  
que desceu do carro branco  
tinha as melhores pernas

a garota no vestido rosa  
que desceu do carro vermelho  
tinha pernas razoáveis

mas sigo lembrando da garota no vestido azul  
que desceu do carro azul

vi suas calcinhas

você não sabe o quão excitante a vida pode ser  
por volta

das 5h25 da tarde.

## *certo piquenique*

que me lembra que  
trepei com Jane por 7 anos  
ela era uma bêbada  
eu a amava

meus pais a odiavam  
eu odiava meus pais  
fazíamos um ótimo  
quarteto

certo dia fomos a um piquenique  
juntos  
lá nas montanhas  
e jogamos carta e bebemos cerveja e  
comemos salada de batata

por fim eles a trataram como se ela fosse uma  
pessoa de verdade

todos riam  
eu não.

mais tarde na minha casa  
uísque na cabeça  
eu lhe disse,  
não gosto deles  
mas é bom que tenham tratado você  
bem.

seu idiota, ela disse,  
será que não percebeu?

percebi o quê?

eles não tiravam os olhos da minha barriga de cerveja,  
pensaram que eu estava grávida.

oh, eu disse, então brindemos à nossa bela  
criança.

à nossa bela criança,  
ela disse.

viramos os copos.



## *penicos*

nos hospitais em que estive  
você vê as cruces nas paredes  
com as finas folhas de palma atrás delas  
amareladas e escurecidas

é o sinal para aceitar o inevitável

mas o que realmente machuca  
são os penicos  
duros debaixo da sua bunda  
você está à beira da morte  
e tem que dar um jeito de sentar sobre essa  
coisa impossível  
e urinar e  
defecar

enquanto isso na cama  
ao lado da sua  
uma família de 5 traz mensagens de esperança  
para um caso incurável  
de doença cardíaca  
câncer  
ou putrefação generalizada.

o penico é uma pedra impiedosa  
uma horrorosa zombaria  
porque ninguém quer arrastar seu corpo agonizante  
até o banheiro e voltar.

você se arrasta  
mas eles mantêm as barras erguidas  
você está no seu leito  
seu minúsculo leito de morte  
e quando a enfermeira volta  
uma hora e meia depois  
e não há nada no penico  
ela o encara com seu mais

imoderado olhar

como se à beira da morte  
alguém estivesse apto a fazer  
as coisas mais comuns  
vez após vez.

mas se você pensa que isso é ruim  
apenas relaxe  
e deixe a coisa vir  
toda  
nos lençóis

então você ouvirá  
não só da enfermeira  
mas também  
de todos os outros pacientes...

a parte mais complicada de morrer  
é que eles esperam que você  
se vá  
como um disparo em direção ao  
céu noturno

algumas vezes isso pode ser feito

mas quando você precisar da bala na espingarda  
olhará  
e descobrirá  
que os fios sobre sua cabeça  
conectados anos atrás  
ao botão  
foram cortados  
retalhados  
eliminados  
transformados  
em algo  
tão inútil quanto  
o penico.

## *o bom perdedor*

a face vermelha  
do Texas  
mais a idade  
ele está num hipódromo  
de L.A.

falando com  
um grupo de pessoas.

é o 4º páreo  
e ele está pronto pra  
partir:

“bem, até mais,  
camaradas, que Deus os abençoe,  
vejo vocês  
amanhã...”

“um cara bacana.”

“é.”

ele segue para o  
estacionamento para  
entrar num carro de  
12 anos

dali ele seguirá  
para uma pensão

seu quarto não terá  
nem toalete nem  
chuveiro

seu quarto terá  
uma janela com uma  
persiana de papel rasgada  
e do lado de fora haverá  
uma parede de cimento descascada  
grafitada por cortesia  
de uma gangue de jovem chicanos

ele tirará os  
sapatos e  
deitará

estará escuro  
mas ele não acenderá  
a luz

ele não tem nada  
a fazer.

## *uma arte*

todo o percurso desde o México  
diretamente do campo  
para 14 vitórias  
13 por nocaute.  
ele estava em 3° no *ranking*  
e numa luta preliminar  
foi nocauteado por um lutador negro  
que nem estava ranqueado e que não lutava  
há 2 anos.

todo o percurso desde o México  
diretamente do campo.  
a bebida e as mulheres acabaram  
com ele.  
na revanche ele foi mais uma vez nocauteado  
e suspenso por 6 meses.

todo esse percurso  
pelo trago e 2 casos de  
doença venérea.

retornou um ano depois  
jurando que estava limpo, que tinha  
aprendido a lição.  
e conseguiu arrancar um empate com o  
9° do *ranking* de sua divisão.

retornou para a revanche  
e a luta foi interrompida  
no 3° assalto porque ele  
não conseguia mais  
se proteger.

e ele refez todo o percurso de volta  
até o México  
diretamente para o campo.

é preciso um poeta fodão  
como eu  
para conseguir lidar com as bebidas e as mulheres  
escapar das doenças venéreas  
escrever sobre fracassos  
como o dele  
e manter minha posição entre os  
10 primeiros do *ranking*:  
todo o percurso desde a Alemanha  
diretamente das fábricas  
entre garrafas de cerveja  
e a campainha do  
telefone.

*as garotas do hotel verde*

são mais bonitas  
que estrelas de cinema  
e elas se espreguiçam no  
gramado  
tomando banho de sol  
e uma está sentada com um vestido  
curto e saltos  
altos, as pernas cruzadas  
expondo coxas  
miraculosas.  
ela usa uma bandana  
na cabeça  
e fuma um  
cigarro comprido.  
o tráfego fica lento  
quase para.

as garotas ignoram  
o tráfego.  
estão pachorrentas  
no meio da tarde  
são putas  
são putas sem  
alma  
e são mágicas  
pois mentem  
a troco de nada.

entro no meu carro  
espero o tráfego  
liberar,  
cruzo a rua  
em direção ao hotel verde  
à minha favorita:  
ela  
se bronzeia no  
gramado próxima ao  
meio-fio.

“olá”, eu digo.  
ela me volta seus  
olhos de falsos  
diamantes.  
seu rosto não tem  
expressão.

lanço meu mais recente  
livro de poemas  
pela janela do  
carro.  
ele cai  
ao lado dela.

engato a  
primeira,  
me afasto.

haverá algumas  
risadas  
esta noite.



*um bom sujeito*

recebo telefonemas  
demais.  
eles procuram  
pela criatura.  
não deviam fazer isso.

nunca liguei para  
Knut Hamsun ou  
Ernie ou  
Céline.

nunca liguei para  
Salinger  
nunca liguei para  
Neruda.

esta noite recebi  
uma chamada:

“olá. você é  
Charles Bukowski?”

“sim.”

“bem, eu tenho uma  
casa.”

“e?”

“um bordel.”

“entendo.”

“li seus  
livros. tenho  
um puteiro num barco em  
Sausalito.”

“beleza.”

“quero lhe passar o meu número de telefone. quando você vier a San Francisco eu lhe pago um drinque.”

“certo. me passa o número.”

anotei-o.

“mantemos um negócio de categoria. estamos em busca de advogados e senadores, cidadãos da elite, assaltantes, cafetões, e por aí vai.”

“eu ligo pra você quando estiver por aí.”

“boa parte das garotas lê seus livros. elas o amam.”

“sério?”

“sério.”

nos despedimos.

gostei daquela ligação.

## *hora da cagada*

meio bêbado  
deixei a casa dela  
suas cobertas quentes  
e eu estava de ressaca  
não sabia sequer que cidade era  
aquela.  
saí caminhando sem conseguir  
achar meu carro.  
mas eu sabia que ele tinha que estar em algum lugar.  
e logo eu também estava  
perdido.  
caminhei a esmo. era a  
manhã de uma quarta-feira e eu podia  
ver o oceano ao sul.  
mas toda aquela bebida:  
a merda estava prestes a escorrer  
para fora de mim.  
segui em direção ao  
mar.  
avistei uma estrutura de tijolos  
marrons nos limites  
da rebentação.  
entrei. havia um  
velho gemendo em um  
dos reservados.  
“olá, meu chapa”, ele disse.  
“olá”, eu disse.  
“está um inferno lá fora,  
não?”, o velho  
perguntou.  
“sim”, respondi.  
“precisa de um trago?”  
“nunca bebo antes do meio-dia.”  
“que horas você tem aí?”  
“11h58”  
“temos dois minutos.”  
me limpei, dei a descarga, subi minhas  
calças e me afastei.

o velho continuava no seu reservado,  
gemendo.  
apontou para uma garrafa de vinho  
junto a seus pés  
quase vazia  
e eu a apanhei e tomei cerca de metade  
do que ainda restava.  
estiquei para ele uma nota de dólar, velha e  
amassada  
então segui para o lado de fora e vomitei  
num gramado.  
olhei para o oceano e o  
oceano parecia bom, cheio de azuis e  
verdes e tubarões.  
saí dali e refiz o caminho  
até a rua  
determinado a encontrar meu automóvel.  
custou-me uma hora e quinze minutos  
e quando finalmente consegui encontrá-lo  
entrei e dei a partida  
fingindo saber tanto quanto  
o homem  
ao lado.

## *loucura*

não bato com meus punhos nas paredes  
apenas sento  
mas a loucura entra de assalto  
uma maré de loucura.

a mulher do quintal dos fundos urra,  
chora todas as noites.  
às vezes a polícia chega  
e a leva por um ou dois dias.

eu acreditava que ela sofria com a perda  
de um grande amor  
até que um dia ela superou aquilo e me contou  
sua história –  
ela perdera 8 apartamentos  
para um gigolô que a havia logrado e ficado  
com eles.  
ela urrava e chorava por causa da perda das propriedades.  
começou a soluçar enquanto me contava aquilo  
então com uma boca cheirando a alho e cebolas  
delineada com um batom vencido  
ela me beijou e disse:  
“Hank, ninguém te ama se você não tiver dinheiro”.

ela é velha, quase tão velha quanto eu.

ela se foi, ainda chorosa...

na manhã seguinte às 7h20 dois enfermeiros negros  
apareceram com uma maca,  
só que bateram na minha porta.

“vamos lá, cara”, disse o mais alto.  
“esperem”, eu disse, “isso é um engano.”

eu estava numa terrível ressaca  
parado com meu roupão surrado

os cabelos caindo sobre os olhos.

“este é o endereço que nos deram, cara,  
aqui não é o 5437?”

“sim.”

“vamos lá, cara, não foda com a gente.”

“a mulher que vocês querem mora lá nos fundos.”

os dois contornaram o pátio.

“esta porta aqui?”

“não, não, esta é a minha porta dos fundos. olhem, subam esses degraus atrás de vocês. é a porta da direita, a que está com a caixa do correio pendurada.”

eles foram até lá e bateram na porta. eu vi os dois a levarem  
consigo. não usaram a maca. ela seguiu entre eles.  
e me passou rapidamente a impressão de que estavam

[levando

a pessoa errada, mas não tive certeza.

*um poema de 56 anos*

segui com duas damas  
até Venice  
para dar uma olhada nuns móveis antigos.  
estacionei no fundo da loja  
e entrei com elas.  
US\$ 125 por um relógio, US\$ 700 por 6 cadeiras.  
parei de olhar.

as damas circulavam  
olhando tudo.  
tinham classe.  
me despedi de uma delas  
e dei o fora.

era domingo e o bar  
não estava muito melhor,  
todos nervosos e jovens  
e loiros e pálidos.  
terminei minha bebida, peguei 4 cervejas  
na loja de conveniências  
e sentei em meu carro para bebê-las.

ao terminar a 4ª cerveja  
as damas apareceram.  
perguntaram-me se eu estava bem.  
eu lhes disse que toda experiência  
era válida  
e que elas me haviam tirado de  
meu habitualmente negro estado de  
espírito.

a que eu conhecia melhor havia comprado uma mesa  
com tampo de mármore por US\$ 100.  
ela possuía seu próprio negócio e era uma  
pessoa civilizada.  
civilizada o suficiente para conhecer um vizinho  
que tinha uma *van*

e enquanto eu estava acomodado em seu apartamento

[bebendo

um *Zeller Schwarze Katz* 1974

eles foram apanhar a mesa.

mais tarde ela quis saber a minha opinião sobre a mesa e eu disse que me parecia bacana, às vezes eu perdia cem pratos nos cavalinhos. assistimos tevê na cama e mais tarde naquela noite eu não consegui gozar. pensei que era porque não conseguia deixar de pensar na mesa de

[mármore.

tinha certeza de que era isso. eu não possuía nenhuma

[antiguidade

em mármore na minha casa, quase nunca tive problemas

[sexuais na

minha casa. algumas vezes, mas muito raramente.

não consigo entender toda essa função de antiguidades

tenho certeza de que é uma gigantesca vigarice.



*a bela jovem passando pelo cemitério –*

paro meu carro no semáforo  
vejo-a passando pelo cemitério –

enquanto ela segue junto à grade de ferro  
posso ver para além das barras  
vejo as lápides  
e o gramado verde.

o corpo dela se mexe em frente à grade de ferro  
as lápides não se mexem.

penso,  
será que mais alguém vê isso?

penso,  
será que ela vê essas lápides?

se vê,  
ela possuiu uma sabedoria de que não disponho  
pois parece ignorá-las.

seu corpo se move com  
mágica fluidez  
e sua longa cabeleira é iluminada  
pelo sol das 3 da tarde.

o sinal muda  
ela cruza a rua na direção oeste  
dirijo para oeste.

sigo costeando o oceano  
desço  
e corro pra lá e pra cá  
em frente ao mar por 35 minutos  
vendo pessoas aqui e acolá  
com olhos e ouvidos e dedos  
e várias outras partes.

ninguém parece se importar.

## *cerveja*

não sei quantas garrafas de cerveja  
consumi esperando que as coisas  
melhorassem.  
não sei quanto vinho e uísque  
e cerveja  
principalmente cerveja  
consumi depois  
de rompimentos com mulheres –  
esperando o telefone tocar  
esperando o som dos passos,  
e o telefone nunca toca  
antes que seja tarde demais  
e os passos nunca chegam  
antes que seja tarde demais.  
quando meu estômago já está saindo  
pela boca  
elas chegam frescas como flores de primavera:  
“mas que diabos você está fazendo?  
vai levar três dias antes que você possa me comer!”

a mulher é durável  
vive sete anos e meio a mais  
que o homem, bebe muito pouca cerveja  
porque sabe como ela é ruim para a  
aparência.

enquanto enlouquecemos  
elas saem  
dançam e riem  
com caubóis cheios de tesão.

bem, há a cerveja  
sacos e mais sacos de garrafas vazias de cerveja  
e quando você pega uma  
as garrafas caem através do fundo úmido  
do saco de papel  
rolando

tilintando  
cuspindo cinza molhada  
e cerveja choca,  
ou então os sacos caem às 4 horas  
da manhã  
produzindo o único som em sua vida.

cerveja  
rios e mares de cerveja  
cerveja cerveja cerveja  
o rádio toca canções de amor  
enquanto o telefone permanece mudo  
e as paredes seguem  
paradas e estáticas  
e a cerveja é tudo o que há.

*artista*

de súbito me torno um pintor.  
uma garota de Galveston me dá  
US\$ 50 por um quadro de um homem  
segurando uma bengala doce enquanto  
flutua por um céu escuro.

então um jovem com uma barba negra  
aparece  
e eu lhe vendo três por US\$ 80.  
ele gosta de telas grosseiras  
nas quais escrevo coisas como –  
“cague” ou “GRANDE ARTE É  
BOSTA DE CAVALO, COMPRE TACOS”.

posso fazer um quadro em 5 minutos.  
uso tinta acrílica, direto do  
tubo.  
pinto o lado esquerdo do quadro  
primeiro com minha mão esquerda e depois  
termino o lado direito com minha  
mão direita.

agora o jovem barbudo  
retorna com um amigo com um cabelo  
todo espetado e eles trazem uma loirinha  
com eles.

o barba negra continua sendo o mesmo otário:  
vendo-lhe um punhado de merda –  
um cachorro laranja com a palavra  
“CACHORRO” escrita ao seu lado.

o cabelos espetados quer 3 quadros  
pelos quais peço US\$ 70.  
ele não tem a grana.  
fico com as telas mas  
ele promete me mandar uma

garota chamada Judy  
de cinta-liga e saltos altos.  
ele já lhe contou sobre mim:  
“um escritor de fama internacional”, ele disse  
e ela respondeu, “oh, não!” e puxou  
seu vestido sobre sua cabeça.  
“eu quero isso”, eu lhe disse.

depois discutimos as condições  
eu queria comê-la primeiro  
e depois receber um boquete.  
“que tal o boquete primeiro e  
depois a foda?”, ele perguntou.

“isso não funciona”, eu  
disse.

então chegamos a um acordo:  
Judy viria até aqui e  
depois  
eu alcançaria a ela as  
3 pinturas.  
e assim estamos:  
de volta ao escambo  
o único modo de vencer a  
inflação.

apesar disso  
gostaria de  
iniciar aqui o Movimento pela Libertação Masculina:  
quero uma mulher que me dê 3 de  
suas pinturas após fazer  
amor comigo,  
e se ela não souber pintar  
pode me deixar  
um par de brincos de ouro  
ou talvez um pedaço de orelha  
em homenagem àquele que  
era capaz.

*meu velho*

16 anos de idade  
durante a depressão  
cheguei em casa bêbado  
e todas as minhas roupas –  
calções, camisas, meias –  
pastas, e páginas de  
contos  
tinham sido jogadas fora  
sobre o gramado da frente e na  
rua.

minha mãe estava me  
esperando atrás de uma árvore:  
“Henry, Henry, não  
entre... ele vai  
matar você, leu  
suas histórias...”

“posso chutar a  
bunda dele...”

“Henry, pegue isso  
por favor... e  
procure um quarto para você.”

mas o que o preocupava era  
que eu talvez não  
terminasse o colegial  
então eu voltaria  
outra vez.

uma noite ele entrou  
com as páginas de  
um dos meus contos  
(que eu nunca submeti a ele)  
e disse, “este é  
um grande conto”.

eu disse, “ok”  
e ele me alcançou  
e eu li.  
era uma história sobre  
um homem rico  
que teve uma briga com  
sua esposa e se  
foi pela noite  
atrás de uma xícara de café  
e ficou observando  
a garçonete e as colheres  
e garfos e o  
sal e o pimenteiro  
e o letreiro de néon  
na janela  
foi então que voltou  
para seu estábulo  
para ver e tocar seu  
cavalo favorito  
que  
deu-lhe um coice na cabeça  
e o matou.

de alguma maneira  
a história em suas mãos  
tinha um significado para ele  
apesar  
de que quando a escrevi  
não tinha nenhuma ideia  
a respeito do que  
tratava.

então eu lhe disse,  
“ok, velho, você pode  
ficar com ela”.  
e ele a pegou  
e caiu fora  
e fechou a porta.  
acho que foi  
o mais próximo  
que jamais estivemos.



## *medo*

ele se aproxima do meu Fusca  
depois que já estacionei  
e segue pra lá  
e pra cá  
rindo ao redor de seu  
charuto.

“ei, Hank, tenho reparado  
nas mulheres que têm frequentado  
sua casa ultimamente... só coisa  
fina; você está fazendo seu trabalho  
direitinho.”

“Sam”, eu digo, “isso não é  
verdade; sou um dos homens mais solitários  
que Deus pôs neste mundo.”

“temos umas garotas bacanas no  
puteiro, você devia experimentar uma  
delas.”

“tenho medo desses lugares,  
Sam, não posso nem entrar.”

“eu lhe mando uma garota então,  
artigo de luxo.”

“Sam, não me mande uma puta,  
eu sempre me apaixono por  
elas.”

“certo, amigo”, ele diz,  
“me avise se mudar  
de ideia.”

eu o vejo se afastar.  
alguns homens estão sempre

no controle do seu jogo.  
para mim, a maior parte do tempo  
é confusão.

ele pode partir um homem  
ao meio  
e não sabe quem é  
Mozart.

de todo modo  
quem quer ouvir  
música  
numa noite chuvosa de  
quarta-feira?

*pequenos tigres por toda parte*

Sam, o putanheiro,  
tem sapatos que estalam  
e ele caminha pra lá e pra cá  
pelo quintal  
estalando e conversando com  
os gatos.  
pesa 140 quilos,  
um assassino  
e conversa com os gatos.  
ele frequenta as mulheres na casa  
de massagem e não tem namoradas  
ou automóvel  
não bebe ou se chapa  
seus maiores vícios são  
mastigar um charuto e  
alimentar todos os gatos  
da vizinhança.  
algumas das gatas ficam  
prenhes  
e depois por fim aparecem  
mais e mais gatos e  
toda a vez que abro minha porta  
um ou dois gatos entram  
correndo e algumas vezes acabo  
esquecendo que eles estão ali e  
eles cagam debaixo da cama  
ou me desperto no meio da noite  
com sons estranhos  
pulo da cama com minha faca  
entro na cozinha e lá  
está um dos gatos de Sam, o putanheiro,  
circulando em volta  
da pia ou sentado sobre  
a geladeira.  
Sam administra o puteiro  
da esquina  
e suas garotas ficam paradas  
na varanda ao sol

e o semáforo vai do  
vermelho ao verde e do vermelho ao verde  
e todos os gatos do Sam  
possuem parte do significado  
assim como fazem os dias e as noites.

*depois da leitura:*

“...já vi pessoas em frente a  
suas máquinas de escrever em tal aperto  
que faria com que seus intestinos explodissem  
cu afora se estivessem  
tentando cagar.”

“ah hahaha hahaha!”

“...é uma vergonha trabalhar *assim*  
tão pesado só para escrever.”

“ah hahaha hahaha!”

“a ambição raramente tem alguma coisa  
a ver com o talento. é melhor ter sorte, e  
deixar o talento vir manquejando logo  
atrás da sorte.”

“a haha.”

ele se levantou e deixou o lugar com uma virgem de 18 anos,  
a mais linda estudante entre  
todas.  
fechei meu bloquinho  
me ergui e manquejei  
logo atrás dos  
dois.

*sobre guindastes*

às vezes, após você ter recebido  
das forças um belo chute no rabo

você costuma desejar ser um guindaste  
estendido sobre uma perna

na água azul

mas há sempre  
a  
velha questão  
que você conhece:

você não quer ser  
um guindaste  
estendido sobre uma perna

na água azul

o infortúnio não é  
suficiente

e

a vitória  
claudica

um guindaste não pode  
pagar por um rabo

ou

vadiar às tardes  
em Monterey

essas são algumas

das coisas

que os humanos podem fazer

além de

ficar sobre uma perna só

*um relógio de bolso dourado*

meu avô era um alemão alto  
com um cheiro estranho no hálito.  
ele permanecia muito ereto  
em frente à sua casinha  
e sua esposa o odiava  
e seus filhos o achavam estranho.  
eu tinha seis anos a primeira vez que nos vimos  
e ele me deu todas as suas medalhas de guerra.  
na segunda vez que nos vimos  
ele me deu seu relógio de bolso dourado.  
era muito pesado e eu o levei para casa  
e dei corda bem forte  
e ele parou de funcionar  
o que me fez sentir mal.  
nunca mais voltei a vê-lo  
e meus parentes nunca falavam dele  
nem mesmo minha avó  
que muito tempo atrás  
deixou de viver em sua companhia.  
uma vez perguntei por ele  
e me disseram  
que bebia demais  
mas na melhor imagem que guardo dele  
ele está muito ereto  
em frente a sua casa  
e dizendo, “olá, Henry, você  
e eu, nós nos  
conhecemos”.



## *viagem à praia*

os homens fortes  
os homens musculosos  
lá na praia eles  
se sentam  
bronzeados como chocolate  
os pesos  
espalhados ao seu redor e  
intocados

ficam sentados enquanto  
as ondas avançam e  
recuam

ficam sentados enquanto o  
mercado de ações  
ergue e destrói  
homens e famílias

ficam sentados enquanto  
um apertar de botão  
poderia transformar  
seus caralhos  
em palitos de fósforos  
pretos e enrugados

ficam sentados enquanto  
suicidas em quartos verdes  
os trocam por espaço

ficam sentados enquanto antigas  
Miss Américas  
choram diante de espelhos  
enrugados

ficam sentados  
ficam sentados com menos  
vivacidade que macacos

e minha mulher para e  
os olha:  
“uuuu uuuu uuuu”, ela  
diz.

me afasto com  
minha mulher enquanto as ondas  
avançam e recuam.

“há alguma coisa errada  
com eles”, ela diz, “o que  
é?”

“o amor deles só corre em  
uma direção.”

as gaivotas giram e  
o mar avança e recua

e nós os abandonamos  
lá atrás  
desperdiçando o tempo que lhes  
resta  
o momento presente  
as gaivotas  
o mar  
a areia.

*um poema para o engraxate*

o equilíbrio é preservado pelas lesmas que escalam os  
rochedos de Santa Mônica;  
a sorte está em descer a Western Avenue  
enquanto as garotas numa casa de  
massagem gritam para você, “Alô, Doçura!”  
o milagre é ter 5 mulheres apaixonadas  
por você aos 55 anos,  
e o melhor de tudo isso é que você só é capaz  
de amar uma delas.  
a bênção é ter uma filha mais delicada  
do que você, cuja risada é mais leve  
que a sua.  
a paz vem de dirigir um  
Fusca 67 azul pelas ruas como um  
adolescente, o rádio sintonizado em O Seu Apresentador  
Preferido, sentindo o sol, sentindo o sólido roncar  
do motor retificado  
enquanto você costura o tráfego.  
a graça está na capacidade de gostar de rock,  
música clássica, *jazz*...  
tudo o que contenha a energia original do  
gozo.

e a probabilidade que retorna  
é a tristeza profunda  
debaixo de você estendida sobre você  
entre as paredes de guilhotina  
furioso com o som do telefone  
ou com os passos de alguém que passa;  
mas a outra probabilidade –  
a cadência animada que sempre se segue –  
faz com que a garota do caixa no  
supermercado se pareça com a  
Marilyn  
com a Jackie antes que levassem seu amante de Harvard  
com a garota do ensino médio que sempre  
seguíamos até em casa.

lá está a criatura que nos ajuda a acreditar  
em alguma coisa além da morte:  
alguém num carro que se aproxima  
numa rua muito estreita,  
e ele ou ela se afasta para que possamos  
passar, ou se trate do velho lutador Beau Jack<sup>[2]</sup>  
engraxando sapatos  
após ter queimado todo seu dinheiro  
em festas  
mulheres  
parasitas  
bufando, respirando junto ao couro,  
dando um trato com a flanela  
os olhos erguidos para dizer:  
“mas que diabos, por um momento  
tive tudo. isso compensa todo o  
resto.”

às vezes sou amargo  
mas no geral o sabor tem sido  
doce. é apenas que tenho  
medo de dizê-lo. é como  
quando sua mulher diz,  
“fala que me ama”, e  
você não consegue.

se você me vir sorridente  
em meu Fusca azul  
aproveitando o sinal amarelo  
dirigindo firme em direção ao sol  
estarei mergulhado nos  
braços de uma  
vida insana

pensando em trapezistas de circo  
em anões com enormes charutos  
num inverno na Rússia no início dos anos 40  
em Chopin com seu saco de terra polaca  
numa velha garçonete que me traz uma xícara  
extra de café com um sorriso  
nos lábios.

o melhor de você  
me agrada mais do que pode imaginar.  
os outros não importam  
excetuado o fato de que eles têm dedos e cabeças  
e alguns deles olhos  
e a maioria deles pernas  
e todos eles  
sonhos e pesadelos  
e uma estrada a seguir.

a justiça está em toda parte e não descansa  
e as metralhadoras e os coldres e  
as cercas vão lhe dar prova  
disso.

- [1] No original, T.M., abreviatura de *Transcendental Meditation*, literalmente Meditação Transcendental. (N.T.)
- [2] Ácido nicotínico. Um tipo de vitamina do complexo B. (N.T.)
- [3] Bairro negro de Los Angeles onde ocorreu um sério distúrbio de ordem racial. (N.T.)
- [4] Escritora famosa por sua beleza, uma espécie de celebridade-socialite de sua época. (N.T.)
- [5] Time de futebol americano da cidade. (N.T.)
- [6] Marca de camisinhas americanas. (N.T.)
- [7] Peso leve americano. Duas vezes campeão mundial. (N.T.)

# Charles Bukowski

CHARLES BUKOWSKI nasceu a 16 de agosto de 1920 em Andernach, Alemanha, filho de um soldado americano e de uma jovem alemã. Aos três anos de idade, foi levado aos Estados Unidos pelos pais. Criou-se em meio à pobreza de Los Angeles, cidade onde morou por cinquenta anos, escrevendo e embriagando-se. Publicou seu primeiro conto em 1944, aos 24 anos de idade. Só aos 35 anos é que começou a publicar poesias. Foi internado diversas vezes com crises de hemorragia e outras disfunções geradas pelo abuso do álcool e do cigarro. Durante a sua vida, ganhou certa notoriedade com contos publicados pelos jornais alternativos *Open City* e *Nola Express*, mas precisou buscar outros meios de sustento: trabalhou catorze anos nos Correios. Casou, teve uma filha e se separou. É considerado o último escritor “maldito” da literatura norte-americana, uma espécie de autor *beat* honorário, embora nunca tenha se associado com outros representantes *beats*, como Jack Kerouac e Allen Ginsberg.

Sua literatura é de caráter extremamente autobiográfico, e nela abundam temas e personagens marginais, como prostitutas, sexo, alcoolismo, ressacas, corridas de cavalos, pessoas miseráveis e experiências escatológicas. De estilo extremamente livre e imediatista, na obra de Bukowski não transparecem demasiadas preocupações estruturais. Dotado de um senso de humor feroz, auto-irônico e cáustico, ele foi comparado a Henry Miller, Louis-Ferdinand Céline e Ernest Hemingway.

Ao longo de sua vida, publicou mais de 45 livros de poesia e prosa. São seis os seus romances: *Cartas na rua* (1971), *Factótum* (1975), *Mulheres* (1978), *Misto-quente* (1982), *Hollywood* (1989) e *Pulp* (1994). Bukowski publicou em vida oito livros de contos e histórias: *Ereções, ejaculações e exibicionismos* (1972), *Ao sul de lugar nenhum: histórias da vida subterrânea* (1973), *Tales of Ordinary Madness* (1983), *Hot Water Music* (1983), *Bring Me Your Love* (1983), *Numa fria* (1983), *There's No Business* (1984) e *Septuagenarian Stew* (1990). Seus livros de poesias são mais de trinta, entre os quais *Flower, Fist and Bestial Wail* (1960), *You Get So Alone at Times that It Just Makes Sense* (1996), sendo que a maioria permanece inédita no Brasil. Várias antologias, além de livros de poemas, cartas e histórias foram publicados postumamente.

Da sua vasta obra, os seguintes títulos são publicados no Brasil pela L&PM Editores: *Pulp*, *Hollywood*, *A mulher mais linda da cidade*, *Numa fria*, *Notas de um velho safado*, *O capitão saiu para o almoço e os marinheiros tomaram conta do navio* (com ilustrações de Robert Crumb) e *Ereções, ejaculações e exibicionismos*, sob os dois volumes intitulados *Fabulário geral do delírio cotidiano* e *Crônica de um amor louco*.

Bukowski morreu de pneumonia, decorrente de um tratamento de leucemia, na cidade de San Pedro, Califórnia, no dia 9 de março de 1994, aos 73 anos de idade, pouco depois de terminar *Pulp*.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: Love is a Dog from Hell

Este livro foi publicado em formato 14x21cm pela L&PM Editores em 2007

Tradução: Pedro Gonzaga

Capa: Ivan Pinheiro Machado sobre foto de Charles Bukowski

Preparação de original: Bianca Pasqualini

Revisão: Jó Saldanha e Fernanda Cavagnoli

CIP-BRASIL. Catalogação-na-Fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

B949a

Bukowski, Charles, 1920-1994

O amor é um cão dos diabos / Charles Bukowski; tradução Pedro Gonzaga. – Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 2011.

(Coleção L&PM POCKET, v.888)

Tradução de: Love is a Dog From Hell

ISBN 978.85.254.2246-0

1. Poesia inglesa. I. Gonzaga, Pedro. II. Título. II. Série

07-3704. CDD: 821

CDU: 821.111-1

---

© 1977, Charles Bukowski

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br